

REVISTA DO ENSINO

APPARECE A 15 DE CADA MEZ

SUMMÁRIO DE 15 DE JUNHO DE 1912

Notas sobre a psychologia da educação.....	F. R.
Questões de grammática e philologia:—	
REGÍMEN,—REGIME,—REGIMEM.....	A. R. Gonçalvez Viana
DE OMNI RE SCIBILI, ET QUIBUSDAM ALIIS.....	Ferreira dos Santos
PROPOSIÇÃO COMPOSTA (RESPOSTA AOS ILLUSTRADOS CONFRADES FERREIRA DOS SANTOS E M.—TH.).....	Teodoro Rodrigues
FACTOS DA LINGUAGEM (O PORTUGUÊS NO EXTREMO-NORTE—ALTERAÇÃO DA PROSÓDIA—TERMOS NOVOS—NOTAS AO DICIONÁRIO DE BRASILEIRISMOS).....	Teodoro Rodrigues
A vida das Abelhas (O ENXAME).....	S. de Padilha
Grammática Superior (NOÇÕES GERAES E DIVISÃO DA MATERIA).....	Paulino de Brito
Notas meteorológicas (O INVERNO DE 1911—1912, EM BELEM).....	A. D.
Noticias literárias (AFFONSO LOPES VIEIRA).....	Fernão d'Azurara
O Sino (VERSOS).....	Affonso Lopes Vieira
O Sino (CANTO INFANTIL).....	Thomás Borba
Páginas escolhidas (ALMEIDA GARRETT).....	F. R.
O Tecto da casa.....	J. Marques de Carvalho
O menino e a cobra (FÁBULA DO SÉCULO XIX).....	Visconde de A. Garrett
Curiosidades Scientificas (ESTUDOS SOBRE OS PÁSSAROS—GEOGRAPHIA BOTÁNICA—A LUA. OS ECLIPSES).....	Octávio Graça
Simplificação da orthographia franceza.....	Daniel Glauro
Lições de coisas (O AZEITE).....	R. H. Teive
A Vida Escolar no Estado (ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS).....	N.
Pelo magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	J. F.
Notas e Noticias.....	N.
Bibliographia.....	F. de S.

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A' CAIXA POSTAL N. 502

BELEM

PARÁ—BRASIL

Director: Desembargador **AUGUSTO OLYMPIO** — *Redactor-chefe:* **FLÉXA RIBEIRO**
(SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR)

Secretario geral: **OLAVO NUNES**

**Publicação official de sciencias, letras e especialmente de
pedagogia.**

A REVISTA DO ENSINO tem suas columnas francas á collaboração dos membros do magistério público e pessoas dedicadas ao estudo das questões de ensino, sob censura da redacção

Para tudo o que fôr concernente á REVISTA DO ENSINO, dirigir-se ao sr. Olavo Nunes, na Secretaria do Interior (das 9 ás 11 horas do dia)

ASSIGNATURAS

Pará..... Doze mil réis, por anno
Outros Estados Quinze mil réis
Número avulso Mil e quinhentos réis

Para o professorado primário official será de 10\$000 a assignatura annual.

Todo assignante da REVISTA DO ENSINO terá direito a uma bella capa, trabalho original de reputado professor de desenho, impressa em percalina, e que será distribuida quando completo o 1.º tomo, para sua especial encadernação.

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.
Toda correspondencia que se lhe destine deve ser endereçada á
CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

São depositarios da REVISTA, em Belem: LIVRARIA MODERNA, rua João Alfredo, 89; LIVRARIA CLASSICA, rua João Alfredo, 58; PARÁ-CHIC, João Alfredo, 83; LIVRARIA BITTENCOURT, 15 de Novembro, 15; LIVRARIA ALFACINHA, rua João Alfredo.

A REVISTA DO ENSINO fará a critica dos livros que lhe forem offerecidos.

LIVROS ÚTEIS

Cândido de Figueiredo:

Licções Práticas da Língua Portuguesa (3 vols.)
Os estrangeirismos.
Problemas da Linguagem (2 vols.)
Falar e escrever (3 vols.)
Collocação de pronomes.
A ortografia no Brasil.
O que se não deve dizer (2 vols.)
Novo dicionário da língua portugueza. (2 vols.)

De Affonso Lopes Vieira:

Os animaes nossos amigos.
Canto Infantil.

Coelho Netto:

Alma
O Mystério do Natal.

Fialho D'Almeida

(ENSAIO DE ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA)

Critica d'arte sobre as obras do grande escriptor lusitano, com uma photogravura e uma carta autógrapha.

por FLEXA RIBEIRO

Elegante edição, em papel de linho, da LIVRARIA CLÁSSICA editora, de A. M. Teixeira, de Lisboa.

A' venda nas Livrarias:

Bittencourt, Clássica e no Pará-Chic.

LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAFELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrucção primaria e secundaria, romances, postaes e papeis
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos,
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

Fabrica de livros em branco.

Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos

CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

Preços reduzidissimos

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15—Rua 15 de Novembro—15

PARA'—BELEM



Notas sobre a psychologia

da educação

O feito que melhor assignala a nossa incoherência no uso dos processos pedagogicos é o de haver-se tratado os mais complexos meios de facilitar o cultivo da intelligência pueril, deixando-se a desdem o factor elementar desse conhecimento: a psychologia da criança.

As primeiras indagações que deveriam acudir ao espirito do mestre ou do legislador, seriam estas: como recebe o cérebro infantil as idéas? como coordena as noções? como as assimilla, e dellas se utiliza?

Agíamos ás cegas, como quem caminhava para o desconhecido, á fiança duma protecção sobrehumana, que tudo salvaria.

Com o desdobre dos estudos da psychologia, á applicação do método experimental, chegamos á triste conclusão de estarmos a sonhar com um quadro de formosa perfeição abstracta, mas a que se não podia dar uma utilização prática vantajosa. Era o escorço vago da tradição que imperava como terrivel factor hereditário.

E' da história da sciencia, porém, patentear que só pouco a pouco foi que a psychologia veio lisonjear nossos conhecimentos com os seus preceitos experimentaes, dissociando-se do amálgama em que vivia, corporificando-se num campo limitado, visando fim certo.



A *psychologia* estuda os phenómenos da sensibilidade, da intelligência e da vontade.

Para a vida mental do homem, nada de mais escolhido interesse, de mais pèrenne seducção do que o exame e conhecimento de sua actividade psychica.

Sabido é que os educadores não lidarão com os conhecimentos psychològicos como quem maneja um apparelho registador.—“A lógica nunca fez ninguem raciocinar com sizo, e a sciência moral, caso exista, jamais criou em alguém recta conducta.” (1)

Facto incontesteste, porem, é que o seu tirocínio assíduo alarga a visão mental do mestre, nutrindo-lhe o encéphalo duma consideravel somma de aptidões indispensaveis. Emprasta-lhe uma segunda visão. A's observações empíricas do docente a sciência traz uma coordenação generalizada que o auxilia poderosamente: e fal-o capaz de surprehender, nos meandros da alma juvenii, um mundo de coisas em formação—éthicas e intellectuaes—que existiriam como se não existissem.

Nasce-se psychólogo como se nasce artista, como se nasce educador. Entre esses extremos porém, ha uma vasta zona onde a aptidão profiissional do preceptor pode oscillar livremente impellida pela cultura e pelo méthodo.

A criança deve ser aos olhos do mestre o que as màquinas de engrenagens complicadas são á memória visual percuente dos mecânicos habeis.

Não é aqui que se me offerece aso para ensaiar conceitos sobre a psychologia geral. Apenas quero indagar de como no cérebro se elaboram os dados da intelligencia, especialmente os que são respeitantes ao aprendizado intellectual. E para visionar numa synthese toda a elaboração psychica, acceito inicialmente o dizer de A. Binet: “As imagens, de parçaria com as sensações, constituem, em summa, todas as nossas operações intellectuaes.” (2)

1] *Causeries pédagogiques*.—W. James. pg. 13.

2] *La Psychologie du Raisonnement*, pg. 15.

Para uma clara comprehensão destas notas convem desde logo precisar tanto quanto possível o que se deve entender por *sensação* e por *imagem*. Só assim derivará ao nosso entendimento uma límpida noção da *physionomia psychica* cuja base formativa assenta nesses dois factores.

Os *themas* de *psychologia* são sempre de difficeis des-trinçamentos pela justaposição de uns e sequências doutros na *acção* da intelligência. E jamais foi dado isentar um factor único, desterrando-o dos demais. Paira ainda sobre taes investigações a incerteza do método, quer se trate do subjectivo quer do objectivo; e accresce o desconhecimento experimental de certos dados *physiológicos* de relação, sem já falar nas hesitações tateiantes para fixar as localisações cerebraes nas sédes das funcções intellectuaes.

Ha mister duma differença nítida entre a *sensação* e a *imagem*.

SPENCER denomina, com a justeza que lhe era peculiar, as sensações *estados fortes*, por contraste ás imagens, que são *estados fracos*.—E' uma realidade presente a sensação; emquanto que a imagem, pode dizer-se, é uma realidade ausente (1). Toda imagem é uma sensação que renasce. A qualidade essencial que o grande philósopho e crítico francês H. Taine assignalou como característico das imagens, foi a *aptidão a renascer* (2).—A *imagem* é o retrato da sensação, se assim me posso expressar. Para Ch. Richet—a *idea* ou *imagem* é a memória duma ou mais sensações simples ou associadas (3).

Experimentada a sensação, recebida a acção do mundo exterior, o sentido affectado leva-a á elaboração consciente, sem o que a sensação não existiria para nós (4).

Haveria uma reacção não sentida, uma espécie de excitabilidade, como quer Binet.

Sem o phenómeno de sensação consciente, desconheceríamos as leis universaes.

1) F. Paulhan—Physiologie de l'esprit. Pg. 63.

2) H. Taine.—De l'Intelligence, vol. I. L. 2. cap. 2.

3) Psychologie générale. pg. 148.

4) Binet affirma a existência da *consciencia dum estado* na sensação. E assim esse phenómeno implica a consciencia.—(V. L'ÂME ET LE CORPS. pg. 61.)

Necessário é admittir, além da simples predisposição, neste tórno do assunto um factor poderoso que se poderia chamar a *memória da raça*.

Uma vez elaborada no cérebro a *sensação*, a impressão resultante predomina num encandeamento, que toma o nome de *associação*.

Como factor pedagógico é duma grande ascendência esse phenómeno, que hoje domina a Psychologia moderna.

Para melhor intendmento dos assertos, notarei as duas espécies de associações.

Ha associação por contiguidade e por semelhança. Aquella se verifica quando as impressões se assignalaram simultaneamente ou immediatamente; e nesta hypóthese bastará que uma renasça para que as circunvisinhanes se apresentem. Na associação por semelhança as impressões revivem ás que lhe são congéneres (1).

A alta função educativa seria criar estas associações por meio de actos reflexos novos, que determinem a nascença de outros estados inconscientes.

Aqui convem mencionar a justeza da affirmação de Le Bon sobre o postulado básico do ensino experimental: a educação é a arte de fazer passar o consciente para o *inconsiente* (2) Sem esta evolução psychica o conhecimento não se pode dizer adquirido.—A palavra inconsciencia não tem no caso a significação vulgar de ausencia total da razão. E' antes um estado em que não ha uma consciencia precisa, determinada, pessoal do phenómeno.—Ao primeiro rebate as imagens despertam á lei da associação e o conhecimento adquirido reaparece, o acto volitivo se effectua naturalmente, sem esforço (3).

(1) Cf. Gustave Le Bon.—Psychologie de l'Education. pg. 178.

(2) Paradoxal na fórmula, a máxima do philosopho francês encerra verdade primaz nesta esphera de conhecimento. Um acto sómente é bem *nosso*, e delle nos podemos utilizar, quando após o estágio no dominio do consciente elle passa para um estado de *automatismo psychico* Liberto da *atencão*, elle vive da liberdade em que se personaliza.

(3) Conheço uma cadellinha de raça, que ao ouvir as palavras: *dar banho na Riquette*—foge, trémula, friorenta, e procura esconder-se no logar mais esconso da casa. E' evidente que Riquette associa o som das palavras, sempre repetidas, á idea da água. Basta a percepção da primeira imagem auditiva para dar-se o renascimento das outras, e ella sentir-se logo na água fria. E' uma associação por contiguidade, o que opera *Riquette*. Primeiramente ella ia ao banho sem saber; hoje para lhe inspirar terror, fazendo-a *vê e sentir* o acto, basta a primeira fase da *acção*.

Para isso se faz mister que o educador adoptando processos intuitivos provoque repetidas vezes as mesmas impressões, produzindo idêntica sensação a qual, mais tarde, ressuscitará como imagem, onde o phenómeno sensorial se exterioriza com nitidez.

Sómente o método práctico, de dar a noção *representada o mais correctamente possível*, repetindo-a até que o aprendiz a execute com precisão, é capaz de dotar a criança da *somma real* de conhecimentos indispensaveis á vida social, affirmando-lhe a vontade de poder.

Raciocinar com o educando, em exposição theórica, é o mesmo que tentar ver a ave implume acompanhar o vôo dos pássaros habituados ao domínio do ar.

Um caso me servirá de exemplo. Para que o infante distinga dois objectos duma mesma apparência, é necessário que se lhe faça ver o característico de cada um; o traço differencial, comparando-os, estabelecendo a analogia existente, o contraste flagrante, e effectivando assim, o valor do ponto distincto, inconfundivel.

Criando dest'arte na criança o poder de observar, formam-se de experiências repetidas os reflexos já referidos, que elaboram o phenómeno da associação das imagens. E bastará a vista dum dos objectos (uma *sensação*) ou a sua lembrança (uma *imagem*) para que as differenças e as semelhanças existentes entre elle e seu parceiro de comparação resuscitem, tanto quanto nítidos, no nosse espirito.

Por um tempo incalculavel a noção está adquirida. Mas para que o resultado seja fecundo neste processo de ensino o estudante deve operar por si mesmo. Como nos demais officios elle deve *laborar* por seu próprio esforço.

Kant escrevia que o melhor meio de comprehender, era fazer. (1)

Deriva destes conceitos que do tirocínio escolar deve banir-se por completo o método mnemónico, como nocivo á in-

(1) Ainda do grande philósopho são estas palavras: «Quando uma criança não põe em prática uma regra de grammática ella não na sabe, pouco importando que a recite; sabe-a infalivelmente o que a pratica, embora não na profira.»

tegridade physica das células nervosas, e inutil na sua utilização posterior.

A experiência precedendo á theoria, leva o mestre a seguir as leis da Natureza na educação da puerícia.—Nós sò podemos raciocinar, formular conceitos, sobre coisas que já conhecemos

Esse treno da intelligência adolescente, o professor consegue pela *suggestão*, pela *imitação*, pelo exemplo, a par da successiva experimentação, que formam afinal o núcleo de factores naturaes de que dispõe o mestre para archivar os dados do conhecimento no cérebro juvenil. A capacidade específica do mestre prepondera como elemento essencial na ensinança: as suas virtudes pedagógicas são o élo de *sympathia moral* que se forma entre o alumno e as disciplinas escolares.

Sobre o mesmo ponto de vista *Spencer* commenta: “Toda mestra pode fazer syllabar as meninas, o professor novato conseguirá encaminhar os rapazes a repetir a taboada de multiplicar; mas para ensinar-lhe a syllabar como convem, fazendo que as letras falem mais ao espírito que aos olhos, para instruil-os na sciência das combinações numéricas á *synthese experimental*, é mister um certo gráu de intelligencia.” (I)

A evolução mental da criança é idêntica á da humanidade. E o espírito das raças humanas só attingiu este gráu cultural através dum penoso afan, vindo lentamente do concreto ao abstrato, do facto particular ás leis geraes.

Ha uma outra face do thema que conviria anotar.

E' o *prazer* como elemento suggestionante e fecundo para a assimilação. A vividez activa das funcções sensoriaes, trazidas pela emoção agradavel, abre um momento propício para facilitar o apprendizado. O sentimento de pezar, de contrariedade, de tédio, predispõe mal a sensibilidade, e todo esforço será em puro dispêndio de energias.

E que maior alegria pode experimentar o alumno do que executar por suas próprias mãos um exercício qualquer, e devido á sua habilidade pessoal, conseguir com destreza e precisão, leval-o ao fim em bom succedimento? Não ha expli-

cação oral por mais brilhante que o deixe nessa espécie de euforia, de ridente bem-estar.

Cultivar as tendências inatas excellentes, desviar e atenuar as de índoles perniciosas, é a grande obra da orthopedia intellectual que cabe ao mestre.

Para que elle possa attingir ao exercitamento desse altíssimo predomínio moral é necessário alargar as zonas de seu conhecimento, dar-lhe uma cultura racional, e principalmente fazel-o familiar com o motivo de sua função social—*a criança*.

F. R.



Questões de grammática e philologia

REGÍMEN,—REGIME,—REGIMEM

No número 5, tÔmo I, desta Revista, correspondente a janeiro último, refere-se o snr. Ferreira dos Santos, condemnando-a porêem, á forma *regime*, e outras análogas, de origem literária, e que no nosso idioma entraram com as correspondentes formas latinas em *n*, *regimen*, *germen*, etc., para algumas das quais, modernamente, se tem arbitrado em Portugal que terminem no *e*, suprimindo-se o *n* final, que dificulta a formação do plural competente, o qual assim virá a ser feito com a adição de *s*, em harmonia com a regra geral dos nomes de terminação vocálica; portanto, *regime*, *regimes*.

Entende o snr. F. dos Santos que tais formas são bárbaras, e, visto serem literários êsses vocábulos, que não lhes cabe a simplificação que se deu em palavras como *lume*, *cume*, *crime*, etc.; tanto menos, quanto é certo que na maioria dêles o *n* pertence ao tema, e não á desinência casual.

Parece-me que tem razão; mas a emenda que lhes faz na escrita, isto é, a substituição de *m* a *n*, *regimem*, *abdomem*, etc., não é, a meu ver, tam racional como parece á primeira vista.

Diz-nos o douto filólogo que a nasalização da vogal terminal se indica em português por *m*, em castelhano por *n*. Com effeito, ao português *som*, corresponde o castelhano *son*. Sendo assim, teríamos nós *regimem*, correspondente ao espanhol *régimen*. Isto, porêem, não è exacto: em castelhano, tanto em *son*, como em *régimen*, como em todas as terminações de vogal seguida de *n*, e não são poucas, atenta a conjugação dos verbos, não há vogal nenhuma nasal; há uma vogal oral seguida da articulação *n*, por mais atenuado que êste seja, sempre distinta e audível. Dêste modo *pan*, por exemplo, não se pronuncia *pã*, mas sim *pa-n*.

Na terminação portuguesá-*em*, ou no plural-*ens*, todavia, temos, conforme os dialectos, ou a vogal nasal *ẽ*, ou um

ditongo, ⁽¹⁾ *ēi*, com *e* nasal mais ou menos aberto, até chegar a *āi*, no centro do país, onde *bem*, rima com *mãe*.

Ignoro qual seja o valor predominante da terminação *em*, no Brasil, mas suponho que seja o de *e* fechado, seguido de *i* assilábico, fraco, constituindo ambas as vogais um ditongo em que os dois elementos são nasais, dominando contudo a primeira vogal, como acontece nos demais ditongos, orais ou nasais, e neste portanto o *ē*. Este valor, o de *ē* simplesmente, deve ter sido o original.

Em Portugal, quando lêmos latim ao nosso modo, as terminações *am*, *em*, *im*, *um* são proferidas, respectivamente, *āu*, *ēu*, *ī*, *ū*, as duas primeiras como ditongos nasais, *nam*, *horam*, *rem*, *tandem*; advertindo-se que diferenciamos-*em* de-*eum* em ser fechado o *e* da primeira, aberto o da segunda: *rem* não rima com *deum*.

Pelo contrário, nas terminações *an*, *en*, *in*, *on*, de *for-sitan*, *flumen*, *crisin*, *canon*, etc., o *n* soa distintamente. Ora este modo de ler tais terminações em latim traslada-se ao português quando adoptamos qualquer vocábulo latino, sem acomodação rigorosa ás leis fonológicas do nosso idioma; e, consequentemente, palavras como *espécimen*, *regímen*, *gérmen*, *abdómen*, *cânon* pronunciam-se *espécime-n*, *regíme-n*, *gérme-n*, *abdóme-n*, *câno-n*, e não *espécimēi*, *regímēi*, *gérmei*, *abdómēi*, *cânō*, que seriam as suas pronunciações, se as escrevêssemos com *m* final.

Agora, outra questão. Qual tem de ser o plural destes vocábulos terminados no singular em *n*?

Pelo plural de *cânon*, que é *cânones*, e pelo de *joven*, que foi *jóvenes*, vemos que seguem a regra geral dos terminados em *r*, convém saber, acrescentam *es*; assim, teremos *regímenes*, *gérmenes*, *abdómenes*, como temos *córes*, *altares*, *mulheres*, *cadáveres*. É necessário acrescentar que nos vocabulos esdrúxulos no singular, como *espécimen*, o acento tónico passa á sílaba seguinte, *especímenes*, visto não existirem em português palavras que tenham por sílaba tónica qualquer antes da antepenúltima, o que era já a regra da prosódia latina; ex, *spécimen*, *specimina*, *múltiplex*, *múltiplices*, apesar de ser breve o *i* acentuado.

Temos pois que os termos derivados do latim por via

1) As vogaes com trema, neste artigo, estão, no original, com til. Não nos sendo possível graphal-as deste modo, chamamos, para o caso, a attenção do leitor.—N. R.

literária, e que literarios se mantem em portugûês, conservam o *n*, se nêle terminavam, lido, como o lêmos em latim, separado da vogal precedente; para formarem o plural, acrescenta-se-lhes *es*, e por consequência teremos *regimen*, *regimenes*, como temos *César*, *Césares*.

Lisboa, 23 de Abril de 1912.

A. R. Gonçálvez Viana.



De omni re scibili, et quibusdam aliis

Exmo. Snr. Dr. Fléxa Ribeiro

Cordiaes cumprimentos.

Perdôe-me vir importunal-o para fallar dum assumpto, que seria de todo anódyno e despiciendo, se o não valorizasse o nome insigne de um dos mais eminentes representantes da cultura philológica luso-brasileira.

Refiro-me ao artiguete com que o exmo. snr. dr. Candido de Figueirêdo se referiu, á página 155 do número 9 da "Revista do Ensino", a um desvalioso trabalho meu.

Causou-me uma grande mágua, pela desillusão que me trouxe, a leitura dos jogralescos conceitos do preclaro dicionarista, porque ao longo das suas impugnações e ensinamentos, além de aleivosias e motejos, se me depararam coisas espantosas.

Imagine V. S. que o douto mestre, no afan de confundir-me, asseverou os seguintes paradoxos: que em portuguez nunca a letra *n* nasalou a vogal da última syllaba de um vocábulo; que o *m* final de *virgem* e *ordem* provem do *m* por que terminam os accusativos latinos *virginem* e *ordinem*; que as expressões—*vocábulos de derivação popular* e *vocábulos de derivação erudita*—são uma tolice; que *regimen*, vocábulo paroxytono em portuguez absolutamente não differe de *regimen* latino, que é esdruxulo!

Ora, tudo isto é surprehendente! E não valeria responder, se o não subscrevesse um sábio de tão celebrado renome.

Urgia, pois, em face do valor do signátario da critica, impugnal-a; e eu o fiz. Preferi, porém, publicar a minha tréplica n' "A Provincia do Pará" de 4 do fluente, para não perturbar a serenidade que sobreleva manter a "Revista do Ensino", com a vehemencia de uma defesa que, attento o desabrido do ataque, devia ser implacavel, embora respeitosa, e para des-

fazer quanto antes a má impressão que da leitura do tal artigo poderia levar para o publico algum ingênuo, desses que julgam da victória em taes recontros pela notoriedade do contendor.

Seria um generoso favor da benévola condescendencia, ironicamente notada pelo exmo. snr. dr. Figueirêdo, e que, por immerecida, eu mais comovidamente agradeço, dar publicidade na "Revista" a estas linhas. E' uma reparação perante os que por ventura leram o *Ne sutor supra crepidam...*, e talvez me julguem esmagado ao peso dessa formidolosa erudição, que bem merece para legenda aquelle inolvidavel título, com que, nos tumultuosos tempos da Escolástica, Pico de Mirândola rotulou *modestamente* as suas tão celebres proposições, e que a demolidora ironia de Voltaire ampliou tão a propósito: *De omni re scibili, et quibusdam aliis*.

Creia-me sempre

admirador sincero e grato

Ferreira dos Santos

Belém, 6/6/912



PROPOSIÇÃO COMPOSTA

Resposta aos illustrados confrades Ferreira dos Santos e M. Th.

Antes de entrar definitivamente no assunto desta missiva, com que pretendo responder ás valiosas ponderações feitas por vós ao meu apoucado trabalho, ponderações que sobremodo me honram, peço venia para expôr aqui a minha maneira de classificar a *proposição composta* que, no meu fraco entender, só deve ter mesmo este nome e não o de composta por *coordenação* ou *subordinação*.

Explico-me. Aceitando eu unicamente a *composta por coordenação* e regeitando, como ilogica, a *composta por subordinação*, deduzo que estas subclassificações devem desaparecer por desnecessarias, uma vez que só deve existir a *proposição composta* que é, neste caso, implicitamente *composta por coordenação*.

Theoria—

A proposição composta é a que se forma de varios sentidos absolutos.

Conclusão—

A proposição composta é, portanto, a que se forma ou de proposições simples, ou de complexas ou de uma mistura de simples e complexas.

As coordenadas, pois, são, além de syndeticas e asyndeticas, simples e complexas.

Ex.:

Prop. composta de coord. simples, asyndeticas—

- I) *Cumpra o teu dever;*
 II) *não offendas a moral;*
 III) *ouve os bons conselhos;*
 IV) *sê bom e estudioso.*

Prop. composta de coord. simples, syndeticas.

- I) *O Brasil de 1822 a 1889*
 II) *foi um imperio e hoje forma uma republica federativa.*

Preposição composta de coord. complexas, asyndeticas.

- I) *Guarda bem o livro que te dei, quando fizeste*
 II) *exame, porque é um premio aos teus esforços; elle significa o grande cuidado com que sigos os teus estudos que devem ser feitos agora com maior vontade.*

Prop. composta de coord. complexas, syndeticas—

- I) *Quando saires, para entrares em luta, não te esqueças das armas e pensa nas ordens*
 II) *que te deu o capitão, porque ellas são o caminho da victoria*



Eis aqui o que me parece racional na classificação da *proposição composta*.

E' o meu modo de pensar, com o qual não tenho a tola pretensão de estabelecer um dogma.

O meu illustre confrade Ferreira dos Santos foi o primeiro que saiu a campo no rebate ás minhas singelas opiniões. E veio de uma gentileza que bem o caracteriza e que eu considero exagerada a meu respeito, dando-me qualidades tão distinctas, que eu reputo immerecidas.

Fico-lhe profundamente penhorado por tão fidalga acolhida e aqui lhe peço permissão para responder a alguns topicos da sua bella *Carta aberta*.

S. S. estranhou ter eu dito que existem professores que admitem como principal a *primeira oração do periodo, seja qual fôr a sua funcção significativa*. Em resposta, lhe digo que infelizmente observei esse tremendo absurdo.

Sobre a classificação da proposição composta o competente professor Ferreira dos Santos se colloca ao meu lado e eu me sinto com isto grandemente feliz. Quanto á prioridade que eu me quiz dar no tocante ao combate á *proposição composta por subordinação*, folgo declarar que aqui no Amazonas fui eu quem *levantou a lebre*. Aceito, pois, as razões do meu preclaro confrade e nem eu quiz dizer pertencesse a mim essa propriedade no Brasil. Atacando de novo o assunto, convido ao meu brilhante centendor a reler o metodo de classificação da proposição composta exposto no começo deste artigo. Por ai mais uma vez verá que não aceito a composta por subordinação, firmado, sem arredar um pé, no douto preceito da *Grammatica Portuguesa* do Dr. João Ribeiro: *Proposição composta é a que se forma de varias proposições que têm a mesma funcção na frase*.

Ora, só podem ter a mesma funcção na frase orações que se equivalham, orações que, separadas, possam cada uma constituir um periodo. Por essa razão não póde existir, permita-me que repita, *proposição composta por subordinação*, porque, se procurarmos decompol-a verificaremos que ha uma principal e subordinadas e estas orações absolutamente não se equivalem, como facilmente se confere.

Continúo a afirmar que essa proposição composta por

subordinação não existe, merecendo sensatamente o nome de *proposição complexa ou ampliada*.

Não posso compreender essas duas maneiras de fazer uma composição, porque, se afastarmos as partes componentes notaremos que na *composta por coordenação* os elementos são equivalentes, têm a mesma função na frase, ao passo que se não dará isto, se separarmos os elementos da pretendida *composta por subordinação*.

Vamos ao terceiro topico referente ás orações de gerundio. Aqui nos encontramos de novo de mãos dadas e esse facto sobremodo me desvanecê. Fico, pois, agarrado á minha teoria: *Qualquer subordinada não deve ser analysada englobadamente com a principal*. Se separamos as substantivas, as pronominaes-relativas, as infinitivas e as adverbias, é logico que devemos separar tambem as adjetivas participaes ou gerundias.

Vêm robustecer esta doutrina as palavras judiciosas do meu talentoso contendor:

Ainda que o termo da oração representada pela subordinada seja logicamente igual ao expresso pela palavra equivalente á mesma subordinada, não pôde, todavia, pelo facto mesmo de estar desenvolvido em oração, ser analysado como se fosse uma simples palavra.

Disto se conclue nitidamente que o mesmo membro de frase segundo é expresso por uma palavra ou por uma oração subordinada, pode ser analysado diversamente, contanto que se lhe não adultere a significação.



Contra o meu modo de pensar levantou-se a voz poderosa de M. Th., escudando-se nas razões do conspicuo e saudoso grammaticista Sotero dos Reis e nas razões do esclarecido professor Maximino Maciel.

Sobre a opinião, que eu muito respeito, de Maximino Maciel já expendi no meu 1º artigo e no começo deste o meu modo franco de pensar.

Quanto ao que expõe Sotero dos Reis, transcripto pelo distincto M. Th., peço permissão para refutar o que determinou esse mestre, se é que a isso me resta algum direito. Sotero dá

o seguinte exemplo: *O homem pensa, porque é um ente dotado de intelligencia como proposição composta.*

Seguindo a teoria, que julgo inteiramente logica, não sei por que esse exemplo é uma proposição composta, formada de uma principal e uma subordinada, isto é: de duas orações que absolutamente—fale por nós a opinião valioza do eminente João Ribeiro!—não se equivalem, porque não têm a mesma função na frase, como bem vê o illustre M. Th.

Sotero dos Reis apresenta um exemplo de proposição composta:

Deus creou o mundo em 6 dias e descansou no setimo,

dizendo que por meio da conjunção «e» se estabelece um laço, uma relação entre duas proposições.

Perfeitamente. Estas duas proposições, de facto, se equivalem, ligam-se pelo mesmo laço que lhes dá a mesma função na frase.

E' assim que eu entendo a proposição composta. Diz M. Th. que eu acho diferença entre o que é *composto* o o que é *complexo*.

Não tem que estranhar essa minha cegueira, porque eu acho mesmo que ha essa diferença entre o *composto* e o *complexo*.*

Na chimica não ha corpo complexo, como sabe melhor do que eu M. Th. Só ha corpo simples e composto.

Decompondo a agua, por exemplo, ficam dois corpos simples: hidrogeno e oxigeno, dois corpos puros, simples, que separados, se equivalem perfeitamente. Figurando uma hypothese, esses dois corpos correspondem a estas duas orações:

Cumpre o teu dever e ama a tua patria acima de tudo.

(*) Consultemos os lexicographos. Para não irmos mais longe, tem a palavra Aulete:
Complexo—«que abranje ou contem muitos *elementos diversos*, que não é simples, que pôde ser considerado sob *diferentes aspectos*.

Proposição complexa—AQUELLA EM QUE ALGUMA PALAVRA TEM DEPENDENTE DE SI UMA PROPOSIÇÃO.»

Composto—«que não é simples, em que entra mais de um elemento. (Chimica) Corpos compostos—aquelles de que se podem separar *dois ou mais corpos simples ou elementares*.»

O corpo complexo se poderá decompôr em corpos simples?

Parece que não. Logo ha diferença entre *composto* e *complexo*, contra o que afirmou M. Th., dizendo que na chimica o corpo composto é complexo e vice-versa.

As sciencias não respeitarão, por acaso, os dominios da linguistica?

Esses mesmos corpos, pergunto eu, poderão corresponder também a estas duas orações:

Não te esqueças dos conselhos que teus pais te deram?

Creio que não, porque a 2ª oração é uma subordinada, não se equipara á principal, não é um sentido absoluto, *não corresponde nem ao oxigeneo nem ao hidrogeneo.*

Não é isto logico?

M. Th. pergunta *como ha de chamar-se a proposição que consta de uma oração principal cujos termos estão desenvolvidos por uma ou mais proposições subordinadas?*

Na sua opinião—*proposição composta por subordinação*; no meu fraco modo de entender—*proposição complexa.*

E appellemos desta divergencia para um mestre que nos dê a sua palavra decisiva, porque, se ficar entre nós a questão, ella se vai parecer com a *Guerra de 100 annos* ou com a luta eterna do dia e da noite, sendo que eu represento a noite e o meu insigne contendor o dia.

Aguardemos, pois, a palavra de um grande mestre que nos queira dar essa honra.

Manáus—5—912

Teodoro Rodrigues.



FACTOS DA LINGUAGEM

O portuguez no extremo-norte.
Alteração da prosodia. Termos
novos—Notas ao Diccionario de
Brasileirismos

O viajante que percorre o Brasil de norte a sul observa a modificação por que passa a lingua portugueza, cuja pronuncia de certos termos é diferente em diversos pontos litoraes ou centraes do nosso paiz.

Este facto não é, porém, uma novidade, porque todas as linguas passam por essas modificações. Deixando de parte

vícios enraizados no falar de outros Estados, havendo mesmo verdadeiras deturpações, tratemos de um defeito prosodico do extremo-norte, defeito esse apontado como uma nota pitoresca com que se quer assignalar o linguajar dos povos amazonicos.

Esse erro de prosodia consiste na troca do *o* circumflexo pelo *u* grave, dizendo-se *bua*, *canua*, *du* (tempo do verbo dar —*dou*)

Tambem se verifica no falar amazonico a troca constante do *l* pelo *r* e vice-versa e geralmente se diz *Helmes* (Hermes), *calta* (carta) *farta* (falta).

A causa da mudança do *o* circumflexo em *o* grave desenvolve-a, se me não falha a observação, a quatro factos principaes, sendo que um delles completou o outro.

Em primeiro logar apresenta-se a decantada *lei do menor esforço*, como no cabloco amazonico, indolente por natureza, vivendo por isso num prolongado descanso.

O cabloco é avesso a todo e qualquer esforço. Fóra da pesca ou da caça que pratica por instincto de conservação simplesmente, elle passa longas horas dentro de uma rede a fumar, numa ligeira modorra, bebendo de momento a momento um pouco de cachaça, bebida que lhe é predilecta e para a compra da qual procura caçar ou pescar, entregando tudo quanto arranja por uma simples garrafa desse liquido.

Habitado, portanto, a essa vida de indolencia, é natural optar pela lei do menor esforço, procurando dizer o termo sem essa preocupação de prosodia, sem se preocupar tambem com as modificações que elle deve soffrer no aparelho de fonação.

Mas o cabloco é um producto do meio em que se desenvolveu e o meio é o factor principal da sua linguagem.

Nos povos equatoriaes é natural essa indolencia causada pela influencia climaterica e, na Amazonia, pela facilidade que tem o cabloco de arranjar meios de alimentação.

O terceiro facto que apontamos como elemento modificador no falar do povo amazonico é o contacto com a linguagem indigena *tapuia*, onde geralmente não há *o* circumflexo, existindo, no emtanto, em grande abundancia, *u* agudo: *tatú*, *pacú*, *xipurucú*.

O falar do colono portuguez é o quarto factor da modificação prosodica de que ora tratamos.

Geralmente no falar luzitano encontramos o *o* circumflexo

substituído pelo *u* como se observa em *coração*, *sorriso*, que o portuguez pronuncia *curação*, *surriso*.

Penso que esta pronuncia luzitana veio em grande parte reforçar o vicio prosodico do povo do Pará e do Amazonas.

Neologismos

No interior do Pará, na cidade da Vigia, encontrei na linguagem do povo o termo *caranan*.

Procurei logo vêr-lhe a applicação e descobrir-lhe a origem.

CARANAN é um termo galante entre os rapazes roceiros da Vigia: quer dizer moça bonita, a quem se quer namorar
A irmã de João está um caranan chique.

Não sei bem a orijem do termo. Só afirmo que *caranan* é uma palmeira muito esbelta, da familia do burití, sendo-lhe menor, mais fina e de palmas graciosamente delgadas.

Servirá isto de origem á applicação que os roceiros dão ao termo *caranan*?

Aqui em Manáus tambem encontrei uma palavra que me causou especie, naturalmente por ser uma novidade.

* * *

Alguns senhores tomavam em uma meza alguns aperitivos. Depois um delles retirou-se quasi sem ser percebido, e os outros, quando verificaram o facto, disseram: «Fulano foi saindo *brandolinamente*.»

Ouvindo o termo muitas vezes, descobri-lhe a significação. Quer dizer: *sair* devagar, *mansamente*.

E' um termo de criação popular, talvez uma ampliação do adjectivo *brando*.

Tambem colhi no calão popular os seguintes termos:

RATUINA que significa gente ordinaria, rameira de ultima especie.

ENCRENCA. (Penso que este termo é de criação popular amazonica).

Significa:—duvida, teima, provocação, motivo para briga, enredo, intriga, etc.

Notas ao Diccionario de Erasileirismos
 da Academia Brasileira de Letras

ADJUNTO.—O mesmo que mutirão ou muxirão.

O Barão de Guajará, se me não engano, diz que *mutirum* ou *putirum* se originam de *motim*.

Parece ter razão o illustre historiografo, porque *mutirum* é, de facto, uma reunião de pessoas com o fim de fazer um roçado, plantar uma roça, etc.

VARIANTE:—Na Amazonia não se conhece o termo *mutirão* ou *muxirão*. Usa-se sepre a palavra *mutirum*.

CISCAR.—Termo cearense no sentido de *estorcer-se no chão, apoz um golpe ou nas vascas da morte*.

Aqui no Amazonas este termo mudou completamente de significação.

Quer dizer: *embriagar-se* e dahi a forma usada aqui:—*F... está ciscando*. (Quer dizer:—*está bebendo*).

CURURÚ.—Não conhecemos esta palavra com a significação de canto e dansa de roda e sim como designativo de um sapo.

Dahi a cantiga muito usada aqui:

em eup

Sapo cururú
 Da beira do rio,
 Quando o sapo canta
 Cururú tem frio.

PÚITA.—No Ceará significa *uma especie de tambor que acompanha o toquæ de outro chamado tabaque em dansas de negros*.

Na Amazonia a significação é differente.

Púita é uma pedra ou um pezo qualquer amarrado á extremidade de uma corda comprida que fica presa á canôa ou montaria.

Atira-se a *púita* no mar, a canôa queda-se amarrada e começa a pescaria em profundo silencio.

Manáus—4—912.

Teodoro Rodrigues





A Vida das Abelhas

(Trad. especial para a Revista)

De Mauricio Mæterlinck

O ENXAME

As abelhas acabam de sacudir o torpôr do inverno. A rainha começou de novo a pôr, desde os primeiros dias de fevereiro. As operárias visitaram as anémonas, as pulmonárias, os junquillos, as violetas, os salgueiros, as nogueiras. E a primavera invadiu a terra; os celleiros e as adegas transbordam de mel e de pollen, nascem milhares de abelhas cada dia. Os machos, gordos e pesados, saem de suas vastas células, percorrem os favos e, na prospérrima cidade, é tamanho o acúmulo, que, á noite, á volta das flôres, centenas de trabalhadoras atzadas, não mais encontram onde se alojarem, e são obrigadas a passarem a noite á entrada, onde o frio as dizima.

Uma inquietação abala o povo todo, e a velha rainha se agita. Sente ella que um novo destino se prepara. Cumpriu religiosamente o seu dever de bôa geratriz, e, do dever bem cumprido, resultam óra a tristeza e as attribulações. Uma força invisivel ameaça seu repouso; vai-lhe ser necessário, dentro em pouco, abandonar a *Cidade*, que é o seu reino. E no entanto, esta cidade é sua obra: é ella toda inteira.—Não é que seja uma rainha como se o entende entre os homens. Não ordena, e é alli tão submissa, quanto o último dos seus súbditos, a essa potência dissimulada e soberanamente sábia, que, emquanto tentamos de descobrir onde reside, chamaremos “o espirito da colmeia”. Ella é a mãe de tudo isso,—o único orgão do âmôr. Fundou-a na incerteza e na pobreza. Povoou-a, sem cessar, de sua substância, e todos os que a animam,—operárias, machos, larvas, nymphas, e as jovens princêsas,

cujo nascimento vai precipitar a sua partida, e das quaes uma a substitue já, no pensamento immortal da Espécie,—todos saíram de suas entranhas.



Onde vive, onde se incarna, “o espirito da colmeia”? Não é semelhante ao instincto particular do pássaro, que sabe construir seu ninho com destreza, e procurar outros céus, quando o dia da emigração resurge.

Não é tam pouco hábito maquinal da espécie, que, cegamente, só deseja viver, e tropeça em todos os angulos do Acaso, assim que uma circunstância imprevista desarranja a série dos costumados phenómenos. Ao contrário, acompanha passo a passo todas as circunstâncias poderosas, como um escravo intelligente e pronto, que sabe tirar vantagem das mais perigosas ordens de seu mestre.

Impiedosa, mas discretamente, e como que submisso a um grande dever, “o espirito da colmeia” dispõe das riquezas, da felicidade, da liberdade, da vida de todo um povo alado. Regula dia a dia o número dos nascimentos, e fal-o estrictamente em relação com o número de flôres que illuminam o campo. Annuncia á rainha a sua decadência ou a necessidade de sua partida, obriga-a a dar á luz ás suas rivaes, regiamente as cria, protege-as contra o ódio político de sua mãe, permite ou prohibe,—segundo a generosidade dos cálices multicôres, a época da primavera e os perigos provaveis do vôo nupcial,—que as mais velhas dentre as princezas virgens vá matar em seus berços suas jovens irmans, que cantam o canto das rainhas. Outras vezes, quando a estação vai já adiantada, que as horas floridas são menos longas, para encerrar a éra das revoluções e apressar o proseguimento do trabalho, elle ordena ás próprias operárias o trucidamento de toda a descendência imperial.

Este espirito é prudente e económico, mas não avaro. Conhece, aparentemente, as leis faustosas e um pouco loucas da Natureza, em tudo o que se relaciona ao amôr. Por isso, nos dias abundantes do verão, tolera a presença incommodativa de trezentos ou quatrocentos machos estouvados, canhestros, inutilmente azatamados, pretenciosos, totalmente e escandalosamente ociosos, bulhentos, glutões, grosseiros, sujos, insaciáveis, enormes,—e tolera-os, porque, entre elles, é que a rai-

nha que vai nascer, escolherá seu amante. Mas uma vez a rainha fecundada, as flôres já se abrindo mais tarde, e fechando-se mais cedo,—uma manhã, friamente, é decretada a sua mortandade geral e simultânea.

O “espírito da colmeia” regula o trabalho de cada uma das operárias. Segundo a idade, distribue o trabalho ás amas que alimentam as larvas e as nymphas, ás damas-de-honôr que provêm a manutenção da rainha e não a perdem de vista, ás ventiladoras, que com o seu bater de asas, refrescam ou aquecem a colmeia e apressam a evaporação do mel por demais carregado d’água, ás architectas, ás pedreiras, ás cereeiras, ás escultoras que fazem a cadeia e constroem os favos, ás saqueadoras, que vão buscar no campo o nectar das flôres, que se transformará em mel, e o póllen, que é a nutrição das larvas e das nymphas, ás própolis que servem para calafetar e consolidar os edificios da *cidade*, a água e o sal necessários á juventude da nação. Impõe tarefas ás químicas, que garantem a conservação do mel, instillando-lhe, com o auxilio do seu ferrão, uma gotta de ácido fórmico, ás opérculas que fecham os alvéolos cujo mel está maduro, as varredouras que mantêm o asseio das ruas e das praças públicas, ás necróphoras que levam para longe os cadáveres, ás amazonas do corpo-de-guarda que velam noite e dia pela segurança da porta, interrogam os transeuntes, reconhecem as adolescentes á sua primeira saída, affastam os vagabundos, os vadios, os ladrões, expulsam os intrusos, atacam os mais terriveis inimigos, e se preciso fôr, barricadam a entrada.

Enfim, é “o espírito da colmeia” que fixa a hora do grande sacrificio annual ao gênio da espécie,—quero me referir ao enxamear,—pelo qual um povo inteiro, chegado ao auge da sua prosperidade e da sua força, abandona subitamente á geração futura, todas as suas riquezas, seus palácios, suas moradas e o futuro de seus trabalhos, para ir buscar ao longe a incerteza e a pobreza de uma nova Pátria. Eis-aí-está um acto, que, consciente ou não, ultrapassa certamente a moral humana. Arruina ás vezes, empobrece sempre, dispersa com certeza esse povo bemaventurado para obedecer a uma lei mais alta, que é a ventura da *cidade*.

Onde se formulará essa lei que, vel-o-emos dentro em pouco, longe está de ser fatal e cega como se o poderia crer? Onde, em que assembléa, em que conselho, em que esphera

commum, residirá esse espirito, ao qual todos se rendem, e que por sua vez, é submisso a um dever heróico, e que tem sempre as suas vistas voltadas para o futuro?

Acontece com as nossas abelhas, o mesmo que se dá com a maior parte das coisas deste mundo; observamos alguns dos seus hábitos, e dizemos: fazem isto, trabalham desse modo, as suas rainhas nascem assim, suas operárias permanecem virgens, enxameiam em tal época. Cremos conhecê-las, e não mais desejamos saber. Olhamol-as apressarem-se de flôr em flôr, vemol-as no vai-e-vem fremente da colmeia; parece-nos essa existência simplicima e limitada como as outras, aos cuidados instinctivos da nutrição e da reprodução. Mas approximemos o olhar, e esforcemo-nos por melhor comprehender,—e surge-nos a prodigiosa complexidade dos phenomenos mais naturaes, o enigma da intelligência, da vontade, dos destinos, do fim, dos meios e das causas, a organização incomprehensivel dos menores actos da vida.



E pois, na nossa colmeia, prepara-se o enxamear,—a grande immolação aos deuses exigentes da raça. Obedecendo á ordem do “espirito da colmeia”, que nos parece assaz inexplicavel, attendendo que é exactamente contrário a todos os instinctos e a todos os sentimentos dá nossa espécie, sessenta a setenta mil abelhas sobre as oitenta ou noventa mil da população total, vão abandonar, á hora prescrita, a cidade materna.

Não é que ellas vão partir em um momento de angústia, tam pouco fugirão, por uma resolução súbita e irreflectidamente apressada, a uma pátria devastada pela fome, pela guerra e pela peste. Não; o exilio é longamente premeditado, e a hora favoravel pacientemente esperada. Se é pobre a colmeia, experimentada pelas desgraças da familia real, pelas intempéries, pela pilhagem, não n'a abandonam. Só a deixam no apogêu de sua felicidade, quando, depois do trabalho desesperado e insano da primavera, o immenso palácio de cerca de vinte mil células bem alinhadas, regorgita de mel novo e dessa farinha arco-irisada,—o pão das abelhas—, que serve de nutrição ás larvas e ás nymphas.

Nunca esteve tão bella a colmeia, como á véspera do renunciamento heróico. E' para ella a hora inegualavel, animada,

um pouco febril, e no entanto serena, da abundância e alegria plenárias. Esforcemo-nos em nol-a representar, não como a vêem as abelhas,—pois que não podemos imaginar com que feitiço mágico se reflectem os phenómenos nas seis ou sete mil facetas de seus olhos lateraes e no seu tríplice olho cyclópico frontal,—mas, tal qual a veríamos, se fossemos de sua dimensão.

Do alto de uma abóbada mais colossal que a de Sam-Pedro de Roma, descem té ao solo, verticaes, múltiplas e paralelas,—gigantescas muralhas de cera, construcções geométricas, suspensas nas trevas e no vácuo, e que, pela precisão, pela affoitez e enormidade, se não poderia comparar, mesmo guardando as devidas proporções, a nenhuma construcção humana.

Cada uma dessas muralhas, cuja substância se apresenta ainda fresca, virginal, argêntea, immaculada, perfumada, é feita de milhares de células e contêm viveres sufficientes para nutrir o povo inteiro durante diversas semanas. Aqui estão manchas resplandescentes, rubras, jaldes, rôxas e negras de pollen,—fermentos de amôr de todas as flôres da primavera, accumulados nos transparentes alvéolos. Entorno, formando longas e faustuosas sanefas de ouro, de pregas rígidas e immóveis, o mel de abril, o mais limpido e o mais perfumado, repousa nos seus vinte mil reservatórios fechados com um sêllo que se não violará a menos que não surjam dias de suprêma angústia.

Mais ao alto, o mel de maio amadurece ainda em suas grandes cubas, a beira das quaes cohortes vigilantes, entretêm uma corrente de ar ininterrupta.

Ao centro, e longe da luz cujos jactos diamantinos penetram pela única abertura, na parte mais quente da colmeia, dormita e desperta o porvir. E' o domínio real dos favos de cera reservado á rainha e ás suas acólytas: cerca de dez mil moradias, onde repousam os ovos, quinze ou desaseis mil quartos occupados pelas larvas, quarenta mil casas habitadas pelas nymphas brancas, que são tratadas por milhares de nutrizes.(1)

Emfim, no mais sagrado desses limbos, situam-se os tres, quatro, seis ou doze palácios fechados, proporcionadamente vastíssimos, das princêsas adolescentes, que esperam a sua hora, envolvidas em uma espécie de sudário, e immóveis e pállidas, e que são alimentadas nas trevas.

S. de PADILHA.

(1) As cifras que damos aqui, são rigorosamente exactas. São as que se verificam em uma forte e prospérrima colmeia.

Grammatica Superior

Noções geraes e divisão da materia

III

A *sciencia da linguagem* chama-se, como já vimos, GLOTTOLOGIA ou LINGUISTICA. Apenas differem estas duas denominações em que a primeira se fórma de elementos gregos, e a segunda de elementos latinos.

E' moderna a Glottologia, pois datam de época recente as descobertas que os sabios, mediante os processos de rigorosa observação, que já eram empregados nas sciencias naturaes, começaram a realizar n'este sentido. Anteriormente, as noções que se possuíam sobre o assumpto eram deficientes, confusas, eivadas de erros.

Constituida a Glottologia, tornou-se precioso auxiliar de outras sciencias, da Historia sobretudo, projectando inesperada luz sobre pontos da vida da humanidade, que de outro modo ficariam talvez para sempre ignorados.

Um d'estes é o que se refere aos ARYAS, nação que deve ter representado um grande papel em remotas edades, mas de cuja existencia não havia noticias. Hoje, graças aos estudos linguisticos, a sua vida, costumes, instituições, estado de civilisação, migrações etc. se pôdem inferir pelos vestigios que deixaram nas linguas de diversos povos, algumas parecendo não ter laço de parentesco entre si, porém já reconhecidas como membros da mesma familia ARYANA.

Agora podemos dizer que o Portuguez, sendo um dialecto *romanico*, os dialectos romanicos sendo filhos do *latim*, e o latim fazendo parte do grupo *italico*, este vincula-se por sua vez ao tronco *aryano*, uma das grandes *familias* em que os glottologos teem dividido as linguas por elles até hoje estudadas. Na arvore genealogica que vem ao fim d'este capitulo, ver-se-á isto mais claramente.

Considerando a origem commum, *dialecto* é o termo,

que melhor convem, para designar o Portuguez e as suas irmãs novi-latinas. Em relação ao estado actual, porém, alguns d'esses dialectos teem jus á denominação de *linguas*, porque se generalisaram ou se tornaram dominantes em um paiz. Propriamente, o dialecto é *regional*, a lingua é *nacional*.

Assim, tanto é possível uma lingua decahir ficando reduzida a dialecto, como um dialecto desenvolver-se até assumir a categoria de lingua. Exemplos do segundo caso são: o dialecto *toscano*, que é hoje a lingua italiana; o dialecto *castelhano*, que se tornou lingua hespanhola; o dialecto *galliziano*, que se transformou na lingua portugueza, etc.

* * * *Latim* é vocabulo derivado de *Latium* (em portuguez Lacio), nome de um pequeno trecho da Italia antiga onde se falava esta lingua.

Alba chamava-se a capital do Lacio. *Roma*, sua vizinha, cujos principios haviam sido os mais humildes, em breve a supplantou, submettendo o Lacio, e mais tarde a Italia toda. Pela sua energia, intelligente iniciativa e espirito dominador, os romanos ampliaram depois as suas conquistas de tal modo, que em dado momento tiveram sob o seu governo todo o mundo então conhecido.

A lingua dos romanos era a lingua do Lacio, e elles a levavam, com as suas aguias victoriosas, a todos os paizes que incorporavam ao seu immenso imperio.

A peninsula Iberica (hoje Hespanha e Portugal), depois de uma porfiosa luta, em que seus habitantes deram bellos exemplos de heroismo e amor á independencia, teve, por fim, que sujeitar-se á situação de provincia romana. Pelo correr dos tempos se foi romanisando, e com as leis, policia e costumes aceitou a lingua do vencedor, conservando apenas raros vestigios da que falava anteriormente.

Advirta-se que o *latim transportado para a colonia* pela soldadesca, funcionarios inferiores da administração, mercadores, e outros elementos semelhantes, postos em contacto immediato com os habitantes do paiz, apresentava sensiveis differenças do *latim culto*, que hoje estudamos nas obras de Virgilio, Horacio, Cícero e outros escriptores romanos. A massa da população, mesmo na capital do imperio, não possuia esta linguagem elegante e polida. Provavelmente, aquelles proprios que tão bem a empregavam em seus escriptos, recorriam, no

IV

A conquista da Iberia se realisara cerca de duzentos annos antes da era christã.

Alguns seculos mais tarde desencadeou-se contra o Imperio Romano do Occidente a grande invasão barbarica que o destruiu. Sobre a provincia hispanica derramaram-se terriveis hordas de *vandalos*, *suevos*, *alanos*, que a devastaram successivamente; mas por fim chegaram os *visigodos*, que fizeram cessar as depredações e se fixaram no solo. Pouco tempo foi preciso para que a população local com estes adventicios se fundisse. Os vencedores, ao contrario do que soía succeder, receberam a civilização, adoptaram a religião, os costumes e a LINGUA dos vencidos. O latim, pois, continuou a dominar na peninsula. Isso não obstou que n'ellé penetrassem vocabulos germanicos (pois os visigodos eram de raça germanica) e se conservassem no lexico até os nossos dias.

São d'este numero *brasa*, *bandeira*, *bordo*, *baluarte*, *guerra*, *norte*, *sul*, *léste*, *oeste*, *rato*, *orgulho*, etc. etc. Orçam por uns 300.

* * Quatro seculos se manteve o imperio dos visigodos. Os arabes, atravessando o estreito que separa a Africa da Hespanha, cahiram sobre esta, de improviso, e a ferro e fogo a submeteram, com excepeção apenas de uns alcantis inacessiveis, onde se asylaram os destroços das armas christãs. Ahi, com esse reduzido nucleo de guerreiros, o famoso Pelayo organisou a resistencia e iniciou a reconquista, que se prolongou sanguinolenta pelo correr de oito seculos, pondo-lhe glorioso remate a grande Izabel e seu marido Fernando o Catholico.

Occupação tão dilatada devia deixar numerosos vestigios na lingua. Assim foi, com effeito, e ainda perduram no uso corrente os vocabulos arabicos que se incorporaram ao lexico, taes como *assucar*, *alviçaras*, *alfandega*, *algebra*, *algodão*, *alambique*, *alcool*, *armazem*, *borzeguim*, *jarra*, *laranja*, *xarope*, etc. etc. Excedem um pouco, em numero, aos de origem germanica.

* * Foi durante a repulsa dos mouros invasores que a nação portugueza teve principio, em exiguo territorio, desmembrado da Galliza para formar um feudo, com que foram galar-

doados os serviços do conde D. Henrique. O condado se fez reino, proclamou a sua independencia, e consideravelmente accrescido com o que ía conquistando aos infieis, fortaleceu-se e logrou manter, através de mil vicissitudes, a sua existencia politica.

Antes da separação, o dialecto falado era o mesmo da Galliza; mas depois a differenciação se operou rapida, e em menos de dois seculos tinha Portugal sua lingua propria.

Dois estádios principaes nos apresenta a lingua portugueza: o *portuguez antigo*, ou *archaico*, que domina desde o seculo XII até ao XVI, e o *portuguez moderno*, que se estende desde o seculo XVI até o presente.

* * Além das tres fontes históricas e visceraes da nossa lingua (*latina, germanica, arabica*) outras teem accidentalmente contribuido para a constituição ou o enriquecimento do lexico. Nem por tudo isso deixa o portuguez de ser uma lingua essencialmente romanica, maxíme pela *estructura grammatical*. As influencias extranhas ao latim apenas se fizeram sentir no vocabulario, e um pouco na phonetica; n'esta, ainda assim, menos em Portugal que no resto da peninsula.

* * A causa da transformação que abriu nova época á lingua portugueza, no seculo XVI, foi o apparecimento de uma cultura litteraria intensa.

Os escriptores d'esta nova phase, denominados *quinhen-tistas* (Camões, Ferreira, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda etc.) emprehenderam remodelar a lingua, approximando-a o mais possivel do latim CULTO ou CLASSICO. Esta corrente erudita influio de um modo decisivo, tanto sobre a lexeologia como sobre a syntaxe. O vocabulario recebeu grande cópia de fórmulas latinas, ou alatinadas, das quaes umas substituiram as populares então vigentes, emquanto outras foram adoptadas em concorrência com ellas e se lhes tornaram synonymicas. Por exemplo *seculo*, de criação erudita, eliminou *segre*, de criação popular, como *plantar* eliminou *chantar*; mas não succedeu o mesmo com *sanar* e *sarar*, *macula* e *magua*, *plano* e *chão*. Esta resistencia de certas fórmulas populares provinha de estarem já desviadas da sua significação primitiva, o que as tornava de difficil substituição em alguns casos. E' o que se vê em *magua*, que comquanto provenha do latim *maculam*, não póde substituir-se por *macula* em todos os sentidos.

Datam também d'este periodo as primeiras grammaticas da lingua (Fernão de Oliveira, João de Barros, Frei João Soares).

* * * Apontamos em seguida algumas fontes subsidiarias do nosso lexico. A communicacão entre os povos, os descobrimentos, as viagens, a tróca dos productos, a colonisação, a litteratura, as artes, gerando novas necessidades de expressão, determinaram a introducção d'esse peregrinismos.

Manancial perenne de *neologismos* é também a *technologia*, sempre em augmento, consequencia das invenções, descobertas scientificas e progressos industriaes. Estes termos novos costumam formar-se de elementos gregos (*geologia, phonographo, telephone, microzoario, electroscope etc.*). Na linguagem commum, o elemento grego nos chegou já fundido com o latino.

Em relação aos nomes *hebraicos*, introduzidos por influencia da litteratura biblica (*sabbado, hyssope, eden, jaspe, seraphim, cherubim, abbade, jubileu, manná, saphira, alleluia etc.*) observa-se egualmente que, em geral, já os recebemos por intermedio do latim. Devem-se á mesma fonte hebraica muitos dos nossos nomes proprios mais usados, como *João, José, Maria, Anna etc.*

São hoje de uso frequente, uns conservando a graphia e a fórma da origem, outros com ellas já alteradas:

DO ITALIANO—*aquarella, balcão, balanço, brigada, carabina, cartucho, charivari, embroglio, esgrima, fiasco, gazeta, opera, prima-donna, piano, pagem, pasquim, soneto, soldado, serenata, saltimbanco, tenor etc.*

DO HESPAÑHOL—*baunilha, bolero, cigarro, camarada, castanhola, cavalheiro, fidalgo, guitarra, guerrilha, hediondo, lhano, monha, menino, merino, perro, peleja, savana, trecho, toreador etc.*

DO FRANCEZ—*blusa, bonnet, corneta, capote, chaminé, chic, elite, fichú, furriel, guilhotina, nuança, patinar, paletot, toilette, touriste etc.*

DO ALLEMÃO—*bivaque, bloqueio, flecha, frack, gaz, nickel, sabre, valsa, vermout, zinco etc.*

DO INGLEZ—*bife, clown, cheque, club, destroyer, dreadnought, grog, interview, jury, lunch, meeting, punch, reporter, revolver, scout, sport, smart, tunnel, yankee, yacht etc.*

DO RUSSO—*caleche, cossaco, duma, knut, steppe, versta etc.*

DO TURCO—*bey, divan, janizaro, kiosque, odalisca, pachá, etc.*

DO PERSA—*azul, bazar, caravana, esmeralda, jasmim, khan, khediva, musgo, pagode, ponche, turbante, tulipa* etc.

DO CHINEZ—*chá, leque, nankin, kaolin, gong* etc.

DO JAPONEZ—*bonzo, mikado, gheisha, jiu-jitsu* etc.

DE ORIGEM INDIANA—*bambú, bengala, brahmane, rajah*, etc.

DE ORIGEM AFRICANA—*banzé, batuque, catioga, cacimba, camondongo, lundú, macaco, marimba, mulambo, muxinga, mucama, zabumba* etc.

DE ORIGEM HISPANO-AMERICANA—*alpaca, condor, chocolate, caiman, gaucho, jalapa, furacão, pampa* etc.



Schema da formação da nossa Língua...

Ha contribuições menos abundantes, como a do flamengo (ex.—*kermesse*), do polaco (ex.—*mazurka, polka*), do húngaro (ex.—*coche, hussard*) e outras.

Merece menção á parte o elemento BRASILEIRO (OU TUPI-GUARANY), que enriqueceu extraordinariamente o lexico, sobretudo na linguagem portugueza da America, onde se conta

por milhares de vocabulos. Eis alguns dos mais usados: abacate, abacaxi, arapuca, arara, araçá, abio, aturá, capim, carioca, cajú, capoeira, caipora, cuiá, carapaná, embira, giboia, girau, goiaba, ingá, jurumú, jaboti, jaguar, jacaré, jacarandá, mingau, mandioca, maracá, pagé, pitanga, pipóca, puraqué, samburá, sucuri, surucucú, tapioca, taquara, taboca, tapir, urubú etc. etc.

Paulino de Brito



Notas meteorologicas

O inverno de 1911—1912, em Belem

Entre os invernos grandes que os annaes meteorologicos de Belem registram, o que agora acabamos de passar foi notavel pela abundancia e longa duração das chuvas, e pela constante e elevadissima humidade. Da segunda metade de dezembro até fins de março, ventos quasi continuos do Norte trouxeram-nos chuvas demoradas, sem phenomenos electricos, como costumam ser observadas nas regiões onde uma corrente de ar frio se precipita n'uma atmospherá quente e humida. Noticias sobre frio excessivos, na mesma epocha, na America septentrional, parecem confirmar essa hypothese.

A's grandes chuvas, causadas pelo vento Norte no litoral do Pará (e Maranhão e Ceará), correspondeu uma secca extraordinaria no interior da Amazonia, inteiramente ao abrigo d'esse vento. Sómemente nos meses de abril e maio, restabelecido no litoral o regimen normal dos fracos ventos de Leste com chuvas curtas mas torrencias, acompanhadas de trovoadas, tambem o interior da immensa bacia chegou a ter precipitações abundantes de chuva.

Dou em seguida as alturas pluviometricas dos ultimos 17 invernos, observadas em Belem, no Museu Gœldi. Convem notar que nos annos normaes a estação chuvosa começa na segunda metade de dezembro para terminar em maio o seu rigor, seguindo-se-lhe então um periodo de transição para o verão, que dura geralmente até agosto. Dezembro até maio são portanto os meses, cujas chuvas determinam a força do inverno de cada anno.

Altura da chuva em millimetros, observada em Belem nos invernos (dezembro a maio) desde 1895/6.

1895/6	:	1706	1904/5	:	1651
1896/7	:	2063	1905/6	:	1767
1897/8	:	1681	1906/7	:	1371
1898/9	:	2336	1907/8	:	2156
1899/1900	:	1414	1908/9	:	1552
1900/1	:	2203	1909/10	:	1606
1901/2	:	1375	1910/11	:	1896
1902/2	:	1465	1911/12	:	2209
1903/4	:	1940			

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

Affonso Lopes Vieira

—Os Animaes nossos amigos—

—Canto Infantil—

Um grande poeta peninsular—António Nobre—elevou, no fim do século passado o *sentimento* do povo português ao mais alto grau de poder estético que as expressões universaes duma nacionalidade podem attingir.

Pela raridade dos moldes, e originalidade extrema que a aureola e a aproxima do filão nativo,—essa obra de poeta romântico assinalava verdadeiramente, no seu valôr contrastante, um sêr genial, dotado de qualidades excepcionaes.

Sendo uma renascença nas letras portuguesas, o *Só* ficou, no entanto, como a fina flôr da decadência espiritual duma raça.—A sensibilidade se exalta morbidamente, e a vida intellectual perde o diaphragma exacto com que fixava o mundo dos phenómenos. E para attingir a ductilidade nêurica do sensório, nasce como uma segunda intelligência, num estranho poder de visionar as coisas no ráio prismático dos delírios.

Tudo se deforma. Tudo se expande na incontidência dolorosa dum ser que é o espelho miraculoso dos soffrimentos duma raça.—António Nobre iniciou essa obra. Elle foi um heroe.

Na corrente amarga desse rio virginal de desillusões,—surgiram António Corrêa d'Oliveira, Affonso Lopes Vieira e Alberto d'Oliveira.

De Affonso Lopes, espirito que nos chama a escrevêr estas linhas, tivemos logo em o *Náufrago* a affirmação reveladora duma sensibilidade florindo numa intelligência.

Levado por um visionamento mais largo, seduzido pelas idéas de perfeição social, o poeta comprehendeu que o primeiro escopo a tentar, á nova glória de sua terra, seria a educação da meninice. Para a fecunda mocidade de seu espirito nada teria maior incanto do que vêr a nova geração, na primavera da intelligência, cultivada dentro duma esphera onde predominasse o *sentimento esthético*, como o relevo moral das suggestões.

Os Animaes nossos amigos revelam e conquistam esse ideal. As ane-

doctas secularmente exploradas, pelos maiores animalistas de todos os tempos, voltam a povoar, com seu espirito enigmático e pitoresco, as poesias de Affonso Lopes Vieira.

O poeta deu-lhes, porém, um sabor de doce ingenuidade, um toque de candura infantil, que as tornam verdadeiramente capazes de incantar até ao êxtase, a alma da criança.

A obra que a seguir veio a lume, obedecendo a esse mesmo rasto de idéas, —*Canto Infantil*—, é cheio dum interesse mais alto, como valôr esthético, no que toca ao aperfeiçoamento moral da infância.

A música e a poesia são os dois factores mais extraordinários de educação quando conjugadas, assim, para um único effeito d'arte.

Para testemunhar os nossos applausos á obra dos artistas portuguezes que collaboram na benemerência desse feito, a Revista estampa uma das páginas musicaes do livro devida á penna de Thomás Borba,—*O Sino*.

Não poderíamos fechar estas notas sem felicitar-mos a Raul Lino pela graça magana, pela *mainça* endiabrada com que arrematou a obra adequadamente, illustrando as duas publicações de Affonso Lopes Vieira, com risonhas allegorias.

Fernão d'Azurara



De Theodoro Rodrigues, o talentoso collaborador que muito nos tem penhorado com o seu apreciavel contingente intellectual, a Revista inserirá, no seu próximo fascículo, um interessante estudo sobre *Proposição Composta*. E Paulino de Brito, um dos mais destacados sabedôres da lingua portuguesa, entre nós, continuará a honrar as páginas do nosso mensário com excerptos da sua **Grammatica Superior**, já em via de publicação.

O SINO

Dling, dlong,
dling, dlong . . .

De manhã põe-se a gorgear . . .
Diz o Sol subindo: — Bom dia, bom dia!
Que grande alegria!
Cantam passarinhos
que já dos seus ninhos
se vão a voar! . . .

Dling, dlong,
dling, dlong . . .

Ao meio-dia, devagar . . .
—Muito boas tardes! — diz quem vai passando.
E as águas das fontes
murmuram cantando,
e os écos dos montes
lá vão badalando . . .

Dling, dlong,
dling, dlong . . .

Diz á noite, a suspirar . . .
—Muito boas noites. — E tudo adormece . . .
E tudo esmorece,
repousa dormindo,
e no céu subindo,
a Lua aparece . . .

O Sino

Moderado

Dling, dlong, dling, dlong, dling, dlong, dling, dlong.

De manhan põe-se a gorgear Bom di - a, bom di - - a!

Diz o Sol su - bin - do: Que grande a-le - gri - a!

Cantam passa - ri - - nhos que já dos seus ni - - - nhos se vão a vo - ar!...

Páginas escolhidas

Por F. R.

Almeida Garrett

Podemos anotar como disciplina esthética tres grandes períodos na evolução literária da lingua portuguesa. Nesta anthologia em prosa, que A Revista está publicando, já nos deleitamos no exame do estylo dos escriptores seiscentistas. E' essa a primeira das culminantes fases do português: attingindo á vibratilidade do estylo em D. Francisco Manuel de Mello, o modelo primaz, decaiu ao depois, até á prosa áspera e artificiosa dos Arcades, que fizeram da lingua, ingurgitada e pastosa, um instrumento rude e acotovellante. Seguidamente, como uma flôr grácil de renascimento, reaparece na prosa de GARRETT, com os românticos, o início pronunciadissimo de uma segunda época de belleza linguística.

A última é nossa contemporânea, florio, no seu esplendor máximo, de rythmo, de colorido, na estylistica maravilhosa de Fialho D'Almeida.

O leitor paciente, que nos tem acompanhado na leitura e no estudo das páginas de escolha, terá observado a evolução no sentido da variedade e da simplificação, que veio soffrendo, através dos séculos, o português escrito.

Durante o período arcádico a lingua parecia immobilizar-se.

Encontrou-a nessa angustiosa estagnação verbal, GARRETT—artista delicado e fino, duma sensibilidade muito irman da nossa, tocado de sugestões subtis, modelador vibratil e agil nos floreios inéditos da expressão.

O nome de GARRETT, como iniciador do romantismo em Portugal, antecede e é contemporâneo dos illustres de Herculano e Castilho.

Fixando este momento histórico e estético das letras portuguesas, lemos num estudo crítico: “Ao início do século XIX, após a formação da escola dos românticos—dos quaes Ant6nio de Castilho ficara egr6gio decuri6o— a l6ngua escrita começou de perder a contractura impassivel da máscara de express6o, a consistencia p6trea que de seu natural a dominava. E adquirira com ALMEIDA GARRETT um f6cies m6bil, que reflectia as impress6es fugaces, em fiorituras casquilhas, mas duma harmonia penetrante. De seguida, Herculano a trabalhara em blocos duma polidez marm6rea, envolvendo-a nas dobras duma pompa majest6tica; e Castilho, cl6ssico de 6ndole, se despolarizara dessa f6rmula liter6ria seduzido pelas innovaç6es Garrettianas, sem se fixar, porem, mordido pelo atavismo est6tico dos Arcades”. (1)

GARRETT, iniciando o estudo da tradiç6o nacional, reviveu o theatro portuguez, morto ap6s o g6nio universal de Gil Vicente. Desse emprehendimento liter6rio ficou a obra no tavel pelas suas qualidades est6ticas, poder dram6tico, e vigor moral—Frei Lu6s de Sousa.

Como prosador elegante, primaveril, v6vido, deixou bellos moldes cl6ssicos, duma admiravel variedade pitoresca de typos, nos livros Viagens na minha Terra e Arco de Sant’Anna.

JO6O BAPTISTA DA SILVA LEIT6O DE ALMEIDA GARRETT nasceu no Porto, em 4 de fevereiro de 1799, vindo a fallecer por 1854.

De suas obras destacaremos Frei Lu6s de Sousa, D. Fillipa de Vilhena, Um Auto de Gil Vicente, o Alfageme de Santar6m;—Viagens na minha Terra, O Arco de Sant’Anna, Da Educaç6o;—Cam6es, Flores sem Frutos e Folhas ca6das.

A ediç6o completa das obras de Garrett comprehende vinte e quatro tomos.



A PUERICIA

Período da educação, da puerícia á adolescência, educação moral: primeiros e leves princípios da educação intellectual; alfabeto, zoologia botânica, chronologia, — linguas, — geographia educação moral; hábitos de ordem e acção, — mimos e carícias maternas: — complementos da educação physica; gymnástica.

Minha Senhora,

Agita-se-me nas mãos a penna de mal-soffrida impaciência e quizera voar bem ligeira sôbre estes preliminares de meu assumpto: tarda-me chegar ao ponto em que já V. Exa. se acha da sua gloriosa tarefa. Ha muito que a sua Augusta educanda passou os limites da primeira época da vida; ja vai deixando após si os da segunda; e entrada agora na esperançosa adolêscencia, ricca de saúde, de excellente índole e não commum ingenho, offerece aos talentos e zelo do educador um terreno fertil para a mais bella cultura. Esse é o período que em menos enfada, porque mais promette, a educação. Mas é forçoso conter o desejo e a vontade; e para que possa chegar bem e directamente ao presente, não tenho remédio senão demorar-me ainda pelo passado. Além de quê, póde haver defeitos no que já está feito, e acaso por aqui se emendará algum d'elles.

Deixámos o nosso pupillo nos últimos dias da infância: já anda, já se alimenta, já articula sons, já os liga em palavras, já começa a formá-las em phrases e a ensaiar orações. Desde esse momento a infância acabou: quem fórma uma phrase, formou antes um juizo; e á primeira operação do intendmento o infante entrou na puerícia.

Ei-lo na segunda época da vida; e já a educação moral dando o braço á do corpo, e ambas procurando accelerar o período em que entre sua poderosa auxiliar, a intellectual, que perto vem, de perto as segue, mas não ousa inda mostrar-se porque não seja atempado e perdido o fructo do que antes de sação floresceu.

Ao livre exercício, á continuação dos hábitos regrados, aos jogos e brincos que a educação physica prescreve para desinvolvimento do corpo e boa formação de todas suas partes, ja a educação moral vem manso e manso e sem ostentação juntando seus preceitos e estabelecendo seus princípios no coração tenro e limpo do educando.

Ésta é a idade das perguntas; idade tam galante, de tanta graça! Quasi que não ha creança feia n'esta idade. Mas em que aperto, em que cerco nos não põe ás vezes essa dialéctica infantil com suas perguntas e reperguntas, e as razões que querem saber de tudo, e as razões das razões ¹ E' preciso formar um systema simples e claro do modo de lhes responder e de raciocinar com elles; não lhes dando nunca senão muito exactas e verdadeiras noções das coisas, pois que no mínimo que d'aqui se discrepe, taes illações e consequências elles irão tirando, que nos trarão a ponto em que já não seja possivel responder-lhes, porque a primeira resposta que lhes demos não era exacta e verdadeira, e todo o artifício da idade experiente não resiste á ingénua mas valente simplicidade de um argumento de creança, que é todo natureza e verdade.

Folgando e conversando,—que n'esta idade o palrar não é pequeno divertimento para elles—se deve ir ensinando tudo o que em tal época da vida se ensina. Não ha inda licções nem horas para ellas; o dia todo é uma licção. O educador esteja sempre alerta, e não deixe escapar uma occasião de ensinar alguma coisa ou de rectificar outra; mas não a force elle essa occasião, e quando a faça nascer porque muito convenha, seja com tanta naturalidade que pareça puro acaso: porêm melhor será que a deixe presentar de si, que lhe não fuja quando vier, mas que a não obrigue a que venha.

Até nos aproximarmos do fim deste período e já quasi ás raias da adolescência, eu limitaria toda a educação moral e os leves princípios da intellectual a ir ensinando éstas idéas símplices, noções bem claras das coisas e suas relações. Assim se iriam combinando com os princípios moraes gravados no coração, as sementes primeiras do ensino lançadas ao espírito

1) Veja sôbre este ponto o excellent e precioso livro de madame Campam, intitulado *De l'Éducation* (L. II. c. 4). Creio que nunca se escreveu na matéria obra mais util e acabada. Madame Campam foi muitos annos superintendente ou directora da célebre casa de educação d'Écouen; e especialmente sobre educação feminina, suas observações práticas, seu systema nellas fundado, deixa pouco a desejar, principalmente na parte physica e moral.

sem apparatus,—e, para assim dizer, instruindo-se o pupillo sem o elle saber. Se o corpo já não é infantil, o espirito inda o é: já anda o menino livremente, mas seu intendmento ainda engatinha; não lh'o façamos rachítico forçando-o antes do tempo a exercício com que inda não póde; ganhe força e elasticidade, e suas operações, embora mais tardas, serão mais perfectas.

Não sou grande apaixonado de um método de ensino que ultimamente tem prevalecido pela Europa e que tanto recommendou Madame de Genlis,—fallo do ensino primário por meio de brincos e bonitos. Digo que não sou apaixonado do excesso a que se tem levado, porque usado com moderação e prudência, póde ter bons resultados. Um menino deve conhecer o alphabeto aos tres annos, ligar as lettras e solettrar bem aos quatro, e ler correctamente aos cinco para os seis annos. Não ha hyopóthese nenhuma em que se devam accelerar estes períodos, ha muitas em que se devem retardar um e mais annos principalmente quando se leze com esta, ainda que levíssima, applicação á saúde do menino, por mui pouco, por mui tenuemente que seja. N'esta idade é conveniente método de ensino aquelle de que fallei.¹ Ha uns jogos para fazer conhecer e ligar as lettras e as syllabas, folgando; outros para a chronologia, etc.

Com iguaes brincos em estampas se deve ir ensinando a zoologia e botânica vulgares, sem mais idéa de classes, gêneros ou espécies que a de lhe ir fazendo notar os pontos de similhaça mais salientes que ha entre animal e animal, entre flôr e flor, para que na idade conveniente o método das classificações ache noções dispersas que reünir, e sufficiente base para seu systema.

Na puerícia começará tambem o estudo das línguas vivas, não por livros ou grammáticas,—Deus me livre de tal método!—mas pelo natural e mechnico de lhes ensinar palavras e phrases, de fallar com elles, de os fazer fallar. Todos aquelles a quem para isso chegam meios não se devem poupar á despeza de uma aia ou ama, ou ainda criada a quem seja natural a língua que se pretende ensinar: boa pronúncia e accento só assim se podem adquirir em paiz estranho.

1) Este método é quasi ignorado em Portugal, mas creio que só lá. Em todas as coisas que não requerem senão memória este meio de a formar artificial é preferivel para creanças. Consulte-se sôbre o ponto a Mesdames de Genlis e Campan. A primeira exagerou acaso as utilidades de um método, que todavia se não deve desprezar porém usar com prudência.

Para um portuguez aconselharia que a primeira língua que se lhe ensinasse fosse a alleman. Sua construcção é difficil, mas a pronúncia, não o é tanto, nem tam caprichosa como a ingleza; e um habitante do Sul que souber o Allemão ¹ está habil para apprender com pouco estudo todos os dialéctos teutónicos e mais facilmente adquirirá todas as línguas do Oeste que do Teutónico e do Latim principalmente são formadas, como a ingleza, etc. ²

Na idade de que fallámos tam difficil é apprender o allemão como o inglez ou francez: e porque se não hade aproveitar ésta época *única* para ensinar o que no futuro causaria muita pena e trabalho, e que, apprendido agora quasi sem custo, hade servir de tanto? Por este método poderá um mancebo fallar aos desoito annos muitas línguas e intender muitas mais, com perfeição tal que só para uma dellas lhe levaria muitos annos de estudo. (3)

Em França prevalece hoje muito o costume de ter aias (bonnes) inglezas para ensinar sem trabalho ás creanças ésta língua difficilissima. Quanto melhor não seria têl-as allemans? Os resultados foram dobrados vantajosos.

Não deve tampouco esquecer ir dando já n' ésta idade as primeiras noções geögráphicas, mas sem livros, sem estudar de cór. A geögraphia é uma das coisas que precisa saber-se bem e estudar-se com muitos princípios; mas isso virá a tempo: agora não se tracta de fazer um cosmógrapho perfeito com bons fundamentos astronómicos, que tanto precisa para o ser; pretende-se ir ajuntando cabedal de idéas simples e precisas ainda que não methódicas, adquirindo dados e bases sobre que

1) Todas as línguas cultas da Europa pertencem a quatro grandes famílias, a grega, a latina, a esclavónia, a teutónica. De cada-uma d' éstas famílias descendem *por varonia* os idiomas que se fallam pelos povos que inda formam nação. Porém os diversos casamentos e alianças de cada uma d' aquellas quatro entre si, e com o Celta e o Arabe, produziram as diversas modificações que hoje fallamos, de portuguez, castelhano, italiano,—talvez o francez—na família latina; de allemão, hollandez, sueco, etc., na teutonica; de russo, pollaco etc., na esclavónia; e finalmente dos dialectos cultos do grego-moderno na família grega.

2) De todos estes idiomas o que tem feições e character menos *pronunciado* e do qual se póde mais duvidar e questionar de que varonia descenda, é o inglez: tantos elementos entram em sua composição, derivados por tantos canaes, e conservando cada um d' elles ainda hoje sua fórma primeira, ou a do molde por onde passou antes de vir á língua británica. Todavia creio com Madame de Staël que a physionomia teutónica, ou saxónia, é a mais distincta e positiva no ainda não bem moldado rosto do dialecto inglez.

3) E' manifesto que quem quizer apprender o inglez, o hollandez, o sueco, etc., hade levar n'isso muitos annos: mas bem sabido o allemão, éstas diversas modificações se adquirirão facil e brevemente.

venha a repouzar a análise futura, que por bem entendido método levará depois o educando á formação de um systema regular de cada um dos diversos ramos dos conhecimentos humanos. (1) Assim mesmo éstas primeiras noções devem todavia serem exactas: e n'este caso da geögraphia é indispensavel que o primeiro objecto que se offereça aos olhos do menino seja um globo de sufficiente diámetro para que elle conceba bem a fórma do nosso planeta e a maneira por que os mappas o representam todo ou secções d'elle. Pouco a pouco se lhe fará comprehender sem custo como o mappa descripto no globo se póde "projectar" em uma carta plaina;—e assim progressivamente, até que venha idade em que elle possa e deva ler e entender os livros de geögraphia, e estudar pelos mappas parciaes e mais circumstanciados.

A' proporção que este período da idade se adeanta vão crescendo os cuidados da educação e multiplicando-se os objectos que ella tem de zelar porque mais e mais se vão complicando, e entrançando a parte moral e intellectual d'ella sem com tudo acabar, postoque dê menos solitudine a parte physica.

Agora vai apparecendo mais a índole e temperamento do educando, agora é preciso começar a reprimir os de character vivo e fogoso e a excitar os de natureza pesada e inerte. O hábito do aceio, da ordem, da regularidade, só n'estes annos tenríssimos póde bem imprimir-se. Deitae o vosso pupillo, levantaè-o á mesma hora; seja uma sempre e certa a hora do banho, do passeio, da comida, da oração;—e não temais que elle perca em annos feitos o costume da regularidade em tudo. Mães que educaes vossos filhos, não os beijeis, não os acariciéis quando por desmazêlo e incúria vos apparecerem sujos e desamanhados; e sem ralhos nem asperezas nem outros castigos elles contrahirão o hábito da limpeza.

Se bem conhecessem as mães quanto valem as carícias maternas, quanto as apreciam os tenros corações de seus filhos, se ellas as soubessem graduar e empregar sem capricho

1] Começar ensinando as creanças os elementos das sciências por compêndios methodicos e regulares com todo o apparatus da phraseologia de cada sciência, tem entre outros inconvenientes, o de os fazer pedantes e impostores, e mais desejosos de alardear sabença que de adquirir sciência.

2] Todo o rigor do método analytico deve ser applicado ao ensino da geographia. Os livros, os compêndios, os diálogos, que vulgarmente se usam, não ensinam senão por synthese e deviam ser inteiramente proscriptos, isto é, do primário ensino.

nem cegueira, nenhum meio mais forte e seguro para pena ou prêmio teria a educação. A mãe que amalha seu filho sem razão nem juízo porque lhe deu na phantasia e se acha de humor de brincar com a creança—como uma creança póde fazer com a sua boneca,—essa infeliz está perdendo o filho, e desperdiçando os dons de Deus e da natureza, que para tam differente fim orvalharam nas carícias maternas o manná salutar do deserto, e puzeram nos beijos de seus lábios o mel da suavidade e o bálsamo de todas as feridas do coração. A mãe que n'um momento de capricho ou de mau gênio repulsa o innocente com chólera ou fastio, que fatal, que irremediavel golpe não deu na moral de seu filho!—Perguntem-lhe d'ahi a meio século, se lhe esqueceu essa injusticia cruel—e por entre as rugas da frente crespada de annos e trabalhos ainda apparecerão as que primeiro lhe franziu na liza e descuidada testa aquella primeira e tam sentida injustiça.

Ah! quam differente a mãe que ameiga e acaricia seu filho quando elle o merece,—que sem íra nem gênio o affasta sisudamente de seus braços quando é preciso corrigil-o assim! Com só essa recompensa ou privação, ensina-lhe mais, educa-o melhor do que os pedagogos do mundo desde Aristóteles até J.-Jacques.

Não esqueça porêm, tórno a repetir, no meio de todos estes cuidados do intellectual e moral da educação, que ainda está incompleto e imperfeito o physico. E' meio desse complemento, e corôa dessa perfeição a gymnástica. N'êsta mesma idade deve ella já começar, mas começar por suas mais naturaes e faceis espécies. Desde a simples carreira, a lucta, etc., até a eqüitação e esgrima comprehendendo tudo na generalidade da gymnástica: porêm seus exercícius principiam na puericia e acabam, isto é, aperfeiçoam-se na virilidade. A carreira vem na puerícia; antes de bem vigorosa adolescência não deve começar a natação ou a lucta e que taes; só na puerdade deve ter princípio a eqüitação, só na virilidade a esgrima.

Todas éstas prendas corporaes são uteis e necessárias no decurso da vida, são elegantes e a ornam, mas sôbretudo formam, desinvolvem e avigoram os diversos músculos e partes mais nobres do corpo, se praticadas em próprio tempo e quando o corpo estiver maduro para ellas.

Na idade em que estamos, a puerícia, é por ora a carreira o único exercício gymnástico que se deve permittir ao educando; para o fim do período, os jogos do volante e iguaes: tudo o que for mais violento será perigoso sempre e contra-indicado.

Mas já com o addiantamento d'este período se vai alargando tanto o meu assumpto que não cabe nos limites d'esta carta. E' principalmente consagrado este período aos fundamentos da educação moral; (1) hei mister subdividi-la em seus diversos ramos, e tractá-los separadamente (2).



O TECTO DA CASA

A D. Sylvia apressava-se ao regressar á casa. Comprara alguns bonitos volumes bem encadernados, ornados de lindas gravuras e cheios d'histórias diversas; comprara tambem alguns brinquedos: seu coração maternal já gozava o prazer de dar esses agradaveis presentes ao filho, ao pequeno Marcelo, que desde algum tempo merecia a satisfação de seus mestres.

Era um menino de character amavel e de rosto risinho que annunciava bom humôr. Queria muito bem á mãe e esta nada tinha no mundo a merecer-lhe maior affeição. Elle ia completar doze annos.

Como a boa senhora se approximava da casa, viu reunida defronte da porta numeroso ajuntamento que por gritos e gestos manifestava os seus temores e a sua agitação. Ella procura reconhecer o objecto dessa inquietação, ergue os olhos para o telhado que era muito alto; logo solta doloroso grito, estende as mãos com horrivel ansiedade e assim fica durante algum tempo, sem fazer outra cousa mais, do que prolongar o grito, ou antes, o gemido que lhe saíra do peito.

1) Não esqueça que digo *principalmente* e não absolutamente, porque a educação é uma e indivisível.

2) Da EDUCAÇÃO, pgs. 73--87—ed. Imprensa Nacional.

Julguem da sua terrivel situação! A infeliz, no momento em que se rejubila com o prazer que vai causar ao filho, avista a querida criança no mais iminente perigo. Sem pensar nesse perigo, nem mesmo reflectir que fazia mal, o pequeno imprudente quís subir ao tecto da casa; saíu por uma pequena água-furtada, arrastou-se por cima das telhas e olhou para longe ao redor de si. Tentava ir além, quando lhe faltou apoio aos pés; em vão procurou parar, escorregou de barriga, até ao beiral do telhado; foi lá que se pôde deter, agarrando-se a uma telha um tanto fóra do seu logar; pendiam-lhe as pernas para a rua e o menor movimento que fizesse precipital-o-ia nas pedras, de grande altura.

Tal é o quadro que se depara á sua mãe. Sempre immovel, com os braços estendidos, as feições decompostas pelo terrôr, ella olha: súbito, um ráio de alegria brilha em seu rosto: vê um homem saír pela água-furtada; num movimento generoso, elle tenta, com risco da própria vida, salvar a desgrada criança, engatinha com precaução, aproxima-se; um minuto mais, e sua mão poderá segurar a do imprudente.

A mãe segue com os olhos, julga auxiliá-lo com os seus movimentos, fatiga-se, não póde mais respirar...

“Marcelo! Marcelo!” taes são as palavras abafadas e trêmulas que lhe saem da bôca. O homem acha-se emfim junto ao menino... Sim; eil-o que lhe estende a mão, a criança faz um esforço... Oh! céus, a telha dá de si, o desgraçado cái e esborracha-se no calçamento, que se cobre de sangue.

Nesse momento, a mãe cái tambem de bruços. Apressam-se a socorrer-a; erguem-n'a, examinam-a... já não existe.

Marques de Carvalho

Das “*Histórias duns meninos travessos.*”



O MENINO E A COBRA

(FÁBULA DO SÉCULO XIX)

C'uma cobra doméstica folgava
Criança innocentinha,
E,— “ Meu bicho ” dizia a criancinha
Comtigo tam seguro eu não brincava
Se primeiro, o veneno refalsado.
Não te houvessem tirado.

Que vós sois muito más, muito ingratonas,
Minha serpentezonas.
Oh! Nunca a tal história me esqueceu
D'aquelle homem que a cobra achou na rua
— Talvez fôsse avó tua —
E tanto se doeu
De a ver toda de frio retransida,
Que no seio a metteu
E comsigo a aqueceu.
Que fez a bicha mal-agradecida?
Apenas se recobra
A trahidora da cobra
Vai, e zaz!—e mordeu
O pobre homem, que logo da ferida
Venenosa morreu.”

— “ Bem parciaes ” responde-lhe a serpente
“ São as vossas histórias;
Recontam-nos o caso mui diffrente
Lá as nossas memórias.
O teu homem, que tens por charidoso,
Creu realmente a cobra ja finada,

E, foi por cubiçoso
Da pelle, que era linda e mosqueada,
Que o teu sanctinho d'home' a quiz salvar:
Era para a esfollar."

—“Vai-te,” responde em chólera o menino
“Vai-te, bicho mofino:
Todo o ingrato é ladingo,
Para se desculpar,
E ao seu bemfeitor calumniar.”

O pae da criancinha, mui contente
Toda ésta conversa ouvindo esteve;
E—“Pois, meu filho” disse “honradamente
Julgaste como deve
Todo homem de bem:
Mas é preciso em tudo ser prudente,
E injusto com ninguem.
Ha casos de tam feia ingratição,
Que a razão
Não se atreve
A crê-los, sem exame, assim de leve.
Raras vezes a iugratos obrigaram
Os que são verdadeiros bemfeitores;
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
Harto está cheio de ruins Mecenas,
De falsos protectores.
Que a detestavel raça
Dos ingratos no mundo propagaram
Arrastados favores,
Inda menos baratos
Que interesseiras sórdidas onzenas,
O que hão de produzir senão ingratos?”

Visconde de Almeida Garrett.

CURIOSIDADES SCIENTIFICAS

No fascículo de fevereiro deste anno, nesta mesma secção, expusemos conceitos mui de interessar os nossos leitores. Para complemento dessas ideas trasladamos e adaptamos as recentes considerações sobre os pássaros e a geographia botânica do illustre philósopho e psychólogo sr. GEORGES BOHN, collaborador da brilhante revista *MERCURE DE FRANCE*.

Estudos sobre os pássaros

As côres dos pássaros e das plantas foram sempre um assunto de meditação para os cientistas e artistas. Assim, Bernardin de Saint-Pierre, nos seus *Estudos da Natureza*, lhes descreveu as harmonias. Goethe deixou-nos uma theoria célebre. Darwin, Wallace e outros demonstraram o papel importante que ellas desempenham em relação aos sêres entre si e com o meio exterior. Os darwinistas consideram-n'as como devidas ao acaso e seleção natural. Cada vez mais, porem, se renuncia a explical-as por sua utilidade, e se as considera como as consequencias inevitaveis da reacção physico-chímica do organismo contra o meio exterior; podem ser uteis, para o ser que as possui, mas tambem sem importancia e até nocivas. Girard considerava os pigmentos que se accumulam nos tegumentos dos animaes como o resultado da actividade química no organismo, como productos de secreção.

Ja demos aqui uma interessante theoria do mimetismo animal: hoje se nos depara uma outra muita suggestiva e devida ás pesquisas de um grupo de sabies allemães, sob a direcção do professor O. Zur Strassen.

O volume em que trata dos pássaros é particularmente curioso, graças sobretudo a um longo estudo biológico consagrado aos *Collibris*.

Toda a gente conhece o *beija-flôr*, esse passarito exótico de magnífica plumagem, mas em geral não imaginamos, senão mui imperfeitamente, as diversas modalidades de sua actividade. Ella é prodigiosa.

O Colibri não para de voar; o seu bater d'asas é tão rápido que o olhar não o pode acompanhar; o pássaro atravessa no ar como uma flecha rápida e resplandescente; mal se detem sobre as flores para lhes beber o néctar; parece não se cançar nunca; ás vezes, no entanto, pouisa em algum galho secco, mas então, solidamente seguro nas suas patinhas, limpa as pennas, e suas asas continuam a batter activamente. Com frequência effectua longas migrações. No México, encontram-se beija-flores em variadíssimos *habitats*: em montanhas, desertos, pradarias cobertas de flores, jardins e bosques; e, com a

mudança de temperatura e de floração, se mudam os colibris. Que uma árvore floresça, e para logo ver-se-á uma multidão desses animalitos chegarem de todos os lados, á maneira dos Insectos mellíferos.

A actividade prodigiosa dos Colibris é originada pela sua nutrição, que é excessivamente intensa. E, deste facto, ha irrefutavel prova anatómica: quando se abre o corpo de tão pequeno pássaro: encontra-se um coração enorme e musculoso, de volume tres vezes maior que o estômago cheio, e que occupa mais da metade do corpo. Sua temperatura deve ser ainda mais elevada que a dos outros pássaros; apresentam constantemente estado febril.

Concebe-se pois que, nessas condições, os produtos de secreção sejam extremamente abundantes; os rins tornar-se-iam insufficientes para eliminá-los; grande quantidade accumular-se-ia então nos tegumentos e nas pennas, dando-lhes assim variegados tons.

O que parece provar essa theoria é que, á época da fecundação, os colibris são mais *activos* e *coloridos* do que nunca. Nessa occasião a actividade dos machos se gasta de todas as fórmulas possíveis. Muito irritadiços e vigorosos apesar de seu pequeno tamanho, elles travam entre si combates incessantes: dir-se-ia, ao sol, que são fagulhas que se precipitam uma contra a outra; atiram-se, aliás, a qualquer animal té mesmo ás corujas e aos gaviões. Contam que furam, certos, os seus olhos, sem que estes tenham tempo de avistá-los.

Em outras occasiões dansam e agitam suas pennas diante das fêmeas: dizem então que elles as namoram. As vezes, parecem distrahir-se em verdadeiros jogos: reúnem-se em grupos (12 por exemplo, no espaço de 15 metros quadrados), correm uns após outros, vão e vêm, dansam. Chamam a esta diversão "jogos de amor",

Procuramos saber qual o fim dos actos dos animaes: a energia dos animaes deve de se gastar, e gasta-se conforme póde, de todas as fórmulas, sem que em tal movimento haja uma intenção da parte do animal: o macho quasi sempre não quer matar o seu rival; precipita-se em direcção de tudo o que se move e brilha, particularizando os olhos dos pássaros carnívoros, que, seja dito de passagem, não são inimigos dos colibris; o macho não procura agradar a certa fêmea: agita-se igualmente, vis-a-vis e entorno de objectos inertes; os pretensos jogos não passam de manifestações dum excesso de energia.

Quanto as côres dos colibris, tambem não parece que tenham maior utilidade que os seus movimentos. São a expressão de uma illiminação superabundante. Além de que essas côres, só nas vitrinas são bem admiradas. A quando o animal vôa, mal nos apercebemos da belleza das suas plumagens.

O colibri, que singra os ares mais rápido que todos os outros pássaros não necessita de outros meios de defeza.

E' de notar uma interessante observação a propósito das vistosas plumagens dos pássaros, principalmente nos machos. Se têm as pennas baças com o as fêmeas, ha, em geral, monogamia, e o pai dá os seus cuidados á prole; se os machos são brilhantemente coloridos, o "amor paternal" não existe.

Geographia Botânica

O aspecto dos problemas biológicos mudaram muito depois da introdução na ciência da vida, das considerações químicas. Damos a seguir um novo exemplo. Trata-se da *lucta pela vida*. As idéas que o eminente professor Massart, de Bruxellas, expõe sobre o assunto, em recente estudo sobre a FUNÇÃO DA EXPERIENCIA NA GEOGRAPHIA BOTÁNICA são dignos de reter a atenção dos sábios e dos philósofos.

As pesquisas feitas nos Estados-Unidos, por Whitney e seus discípulos deram como resultado, que as plantas segregam no solo substâncias tóxicas ás outras espécies.

Assim, certas hervas damninhas prejudicam aos cereaes com as suas secreções subterrâneas. Este feito ajuda a comprehender a localização tão estricta de certas plantas.

Nas alluviões argilosas innundadas pela preamar e muito impregnadas de sal, crescem plantas particulares, como a *Arméria marítima*. Pensava-se que esta planta só vive nessas regiões, por lhe ser necessário o sal. No entanto, mui facilmente é cultivada num jardim, ou em qualquer outro terreno.

Assim acontece com os vegetaes calaminares, que podem perfeitamente se abster de zinco. O mesmo se dá com muitas plantas mais, alpinas ou super-alpinas: o Edelweiss, a Arnica, prosperam em qualquer jardim e supportam maravilhosamente o clima da planície. E' preciso notar que o jardineiro capina os seus canteiros, supprimindo assim as hervas tóxicas:—grandes concurrentes á luta pela vida.

Eis-aí descoberto, talvez, o segredo da localização das espécies. Se as plantas do salgado e das regiões calaminosas não colonizam em solos vulgares, se as espécies alpinas não descem á planície, é que aí encontram temiveis concurrentes que não as podem acompanhar sobre os terrenos impregnados de sal ou de zinco, ou ainda nos altos picos das motanhas.

Damos outros exemplos análogos. As bétulas (vidoeiras) se encontram nos mais variegados bosques, excepto no calcáreo. Dir-se-ia que ellas não podem vicejar sobre essa pedra, e no entanto, desenvolvem-se perfeitamente nas fendas dos rochedos e até mesmo em outeiros calcáreos. "Enfim, parece que só prosperam nas terras ricas de cal, com a condição de não terem que lutar com as outras árvores." Tambem os fetos e as urzes, que não crescem em geral em terrenos siliciosos habitam o calcáreo da Irlanda. Sem dúvida nesse país fallecem certas espécies que lhe são perigosos concurrentes.

O sr. Massart cita ainda um facto curioso relativo ao povoamento das ilhas.

Admittia-se até agora, que as plantas novas que appareciam em uma ilha, provinham de sementes transportadas pelos pássaros ou pelos navios. Ora, segundo o biologista americano Shull, um grão de pollen é o bastante para que tal se dê. Realmente: aconteça que o grão do pollen de uma planta continental venha a fecundar, uma planta insular; formar-se-á uma hybrida,

que apresentará mais ou menos os caracteres dos pais. Mas na geração seguinte em virtude da lei de Mendel, um quarto dos descendentes assemelhar-se-ão exactamente á avó, e um quarto dos descendentes apresentarão perfeita semelhança com o avô, isto é, com a planta continental, que, dest'arte, surgirá na ilha. Nada ha de surprehendente neste facto, pois que é regra mui generalizada na Naturêza, a volta aos typos primitivos, após variações intermediárias; regra que entra em prática nesse caso particular.

A Lua. Os Eclipses. (trad.)

A reproducção dos corpos celestes pela photographia prestou enormes serviços nas observações do sol e da lua, assim como nas dos eclipses.

M. Warren de la Rue, rico industrial de Londres, com muito zelo se devotou á astronomia, obtendo um grande número de provas da superficie lunar, e, quando após um intervallo de tempo sufficiente se puder estabelecer uma comparação entre ellas e as novas séries, será talvez possível verificar as mudanças que se operam na configuração dos terrenos. Diversos astrónomos já affirmam que a cratera que traz o nome de Linneu foi em parte prehendida pela erupção duma matéria esbranquiçada. E' pois fora de dúvida que pelo menos a vida geológica existe ainda no nosso satéllite.

A expressão "cratera" que acabamos de empregar se refere ás cavidades comparaveis ás dos nossos vulcões, e não a essas linhas circulares, cujas grandes dimensões Galileu ja havia perscrutado.

Os cones vulcânicos são numerosos; encontram-se frequentemente ao lado, e até mesmo no fundo interior dos círculos; ao redor de alguns Herschell distinguia estratificações annunciando um depósito successivo de dejecções.

Os círculos produziram-se provavelmente por um phenómeno differente, —ao menos pelas suas gigantescas proporções, —da erupção vulcânica que conhecemos. Imaginemos, nas primeiras épocas geológicas, poderosos gazes elásticos que se desprendem em consequencias de reações químicas internas da massa lunar, e que ficam presos por uma camada de matéria pastosa muito resistente, mas ainda assim bastante vincosa para ter a faculdade de se estender.

Uma circumstancia que faz ainda mais estranhas as paisagens que se imagina existirem na lua, é o grande número de agulhas que alli são vistas. São muito altas e lembram as nossas columnas basálticas. Ha uma perto do monte Ligustinus, que é dez vezes mais alta que a cathedral de Strasburgo, célebre pela sua gigantesca altura. Quando se a observou pela primeira vez, densa sombra a envolvia e somente a sua ponta se achava illuminada pelo sol. Sua matéria, provavelmente vítrea, decompunha a luz e apresentava as cores do prisma.

Considerando a superficie lunar no seu conjuncto, verifica-se que o hemisphério austral é principalmente montanhoso, e que o hemisphéreo boreal é quasi interamente coberto de planícies.

Pelos temps da lua cheia, vêm-se enterno de certas montanhas principais raios luminosos, algamas vezes em número superior a cem, e que se estendem em enormes distancias passando por sobre as eminencias e manchas circunvisinhas. Estas montanhas resplandescentes devem de coseguinte ser mais novas que as outras. As massas gasosas que se escapavam com grande velocidade, teriam arrastado em seu percurso, segumndo o sr. Charconac, o terreno poeirento do qual geralmente o astro se achava coberto.

Mædler pensava, ao contrário, que as correntes de gas lavadas a uma temperatura muito alta vitrificavam as matérias que encontravam.

OCTÁVIO GRAÇA



Simplificação da orthographia francêsa

Emquanto que os espíritos cultos multiplicam seus esforços, em todos os países civilizados, no sentido de unificar as diversas línguas vivas pelo “esperanto”, escritores não menos distintos, depois de haverem notado os numerosos caprichos da orthographia, proseguem na sua simplificação com tenacidade, afim de facilitar aos estrangeiros o estudo da bella língua francêsa.

A testa desses “simplificadores,” citaremos o director da *Reformista*, órgão mensal cujo fim é vulgariazar o ensino da língua francêsa no estrangeiro e nas colónias, pela supressão de certas regras arbitrarias, tão contrárias á etymologia quanto á lógica e ao bom-senso.

Citemos a opinião do Sr. Barés sobre o assunto.

Com a caprichosa orthographia que adotamos, o escritor deve a cada momento interromper a emmissão de suas idéas para consultar o famoso dictionário contendo as fórmulas tão obscuras quanto dogmáticas da *graphia* imposta aos Francêses.

Ora é para saber se se deve escrever *cantonnier*, *résonner*, *honneur*, e *tonner*, com um *s*õ *n* como *cantonal*, *réso-*

nanse, honorer, e détoner; se se deve escrever: *je cachee, grelotter, sotté, e palotte*, com um só *t*, como *j'achète, dorloter, idiote, dévoté*; se *trappe, échapper* se contentam com um *p*, como *attraper, chape*; se *néphrétique* e *philosophe* podem se escrevr com *f*, como *néfrétique, filoselle*; se se pode *souffler* e *siffler* com um *f*, como *boursouffler* e *persifler*; se se pode escrever *bien-aimé* como *bienheureux*; *essentiel* e *confidentiel*, com um *e*, como *artificiel*; *hasard, caserne, garnison*, como *bazar, luzerne, horizon* e *bizarre, geôle, e gestion* com *j* como *enjoler* e *jeton, etc.*

Às vezes pára a gente a indagar porque se diz e escreve: *cuisseau* de vitella e *cuissot* de cabrito; porque se trata de *forcené* a um homem sem senso; porque se escreve *astreindre* e *êtreindre* differente de *contraindre* e *plaindre*; porque *archiépiscopal, catéchumène, chiromancien, choral, écho*, não se pronunciam como *archevêque, catéchisme, chirurgien, chanter, achat...* porque se deve dizer: *portails* e *Vantaux*; e mais, *hiboux* e *bambous*; porque *dizains* e *dixième*; porque se escreve *or* e *aurifère, oreille* e *auriculaire, tutelle* e *clientèle, appétit* e *apéritif, phénomène* e *fantôme, choléra* e *colère, analyse* e *asile*; etc.

Porque recusa a Academia de escrevr *gajure*, em vez de *gageure*, que está para *gager* como *rognure, allure* e *soudure* estão para *rogner, aller* e *souder*.

Porque não escrever *nœud* e *vœud* como *aveu* e *jeu* se bem que estes substantivos, oppostos aos verbos *vouer, nouer, jouer* e *avoer* sejam de naturêza a demonstrar a regularidade methódica da língua?

Acontece que, quando um desses mystérios ficou esclarecido, quasi sempre o escritor esqueceu o que queria escrever. Torna-se necessário reler o que já se havia escrito para entrar de novo no assunto tratado, que a pesquisa de um caprichoso caso da orthographia acadêmica, varrêra da imaginação do escritôr.

Ha pois razão em se dizer que "simplificar a orthographia é dar asas ao pensamento."

A simplificação que o sr. Barès pede incansavelmente ha mais de quize annos, chamou sobre si a attenção de todo o corpo do ensino.

O Sr. Georges Leygus, ministro da Instrucção Pública, por circular de 26 de fevereiro de 1901, recomendou aos membros das diversas commissões de exames, "certa tolerancia

á simplificação da orthographia," e o Sr. Chaumié seu succesor, nomeou uma "commissão de simplificação da orthographia usual francêsa". Depois de laboriosas secções, a commissão encarregou o seu presidente, o sr. Paul Meyer, de consignar as decisões tomadas, em relatório que foi transmittido pelo ministro, á Academia. Esta alta assembléa designou, por sua vez, o sr. Emílio Faguet, para examinar a questão.

O relator acadêmico acceitou uma parte das conclusões apresentadas, mas fez ao mesmo tempo uma crítica severa ao trabalho da commissão, de sorte que nenhuma resolução categorica foi tomada.

Em 1905 o ministro, sr. Bienvenu-Martin, nomeou uma nova commissão orthográfica destinada a preparar" as soluções sobre as quaes o conselho superior da Instrucção pública se deveria pronunciar." Esta commissão comprehendia os srs: Brunot, professor na Sorbonne; Clairvin, professor, membro do conselho superior; Croiset, membro do Instituto; Emile Faguet, do Instituto; Guasquet, director do ensino primário; Hémon, inspector da Academia de París; Paul Meyer, do Instituto; Rabier, director do ensino secundário. Desde maio de 1906, os trabalhos da commissão se achavam terminados, e resumidos em relatório do sr. Ferdinand Brunot.

Apezar da insistência manifestada por diversas vezes por certo número de seus membros, o conselho superior da Instrucção pública, esperou até julho de 1911, para deliberar sobre as conclusões da commissão da Reforma orthográfica. Emittiu então o seguinte aviso:

1º. Que o desejo relativo á simplificação da orthographica é da competencia do ministro da Instrucção pública, que pode, em conselho superior, regulamentar os programmas e as condições dos exames, e "que seria para desejar desapparecessem da orthographia actual as exquisitices e as anomalias desde longo tempo denunciadas, e que é difficil justificar aos olhos dos alumnos."

2º. Doutro lado, pronunciou-se pelo adiamentô desse mesmo desejo, allegando o pretexto que toda reforma orthográfica não reuniria, no momento actual, a unanimidade da opinião pública e que, nessas condições, produzir-se-ia uma dualidade na lingua francêsa prejudicial aos alumnos das escolas públicas. A simplificação soffreu, por esse facto, novo atrazo.

(Trad.)

Lições de coisas

O AZEITE

MATERIAL DA LIÇÃO. Um frasco ou uma garrafa de azeite de oliveira.—Rôlha servida de uma garrafa de vinho tinto.—Um pires.—Um pedaço de barbante de tres ou quatro centímetros de comprimento.—Alcool.—Uma vela.—Um frasquinho branco—Um pouco de sabão, um copo d'agua.—

Qual a côr do azeite de oliveira que se come, contido no frasco incolor?

—O azeite que se come é amarello claro.

Que differença notais entre a APPARENCIA do azeite e a apparencia do leite?

—Nada se vê através do leite, enquanto que se vê bem através do azeite, o que lhe fica atraz.

—O azeite é TRANSPARENTE.

Olhemos a superficie livre do azeite, voltada para o lado da claridade.

—Vê-se no liquido a imagem *renversée* das janellas. A superficie do azeite fórma espelho, reflecte a luz?

Olhemos attentiosamente o que se vê através do azeite.

Tudo o que se vê através do azeite fica deformado. O mesmo acontece com o petróleo e a água nos vasos arredondados.

Porque se põe azeite n'uma garrafa?

—Para evitar que se entorne.

—O azeite é liquido.

E tem elle absolutamente a mesma consistencia que a água?

—O azeite é mais espesso que a água. Escorre mais lentamente. Se se o agita no frasco, este parece impregnar-se duma camada oleosa que não mais desaparece.

Observai o vidro da garrafa em cima da massa líquida.

—O vidro está baço como se estivesse coberto de uma neblina persistente semeada de gotas maiores.

Eis a rolha de uma garrafa de azeite. Em que se distingue dessa outra que arrolhava uma garrafa de vinho?

—Está GORDUROSOSA, luzindo, emquanto que a rolha do vinho é baça e meia-avermelhada, em seu comprimento. Mettamos com precaução a ponta do indicador no azeite e depois esfreguemos o indicador no pollegar.

—Os dedos estão gordurosos.

Que quereis dizer com isso?

—Estão brilhantes como a rolha que se estudou ha pouco, escorregam mui maciamente um contra o outro. Se se continuar a esfregar assim os dedos, elles retomam pouco a pouco a sua aspereza habitual. O azeite penetrou na pelle. *Cheirai* o azeite do frasco.

—Tem um cheiro levemente sensivel: o cheiro do azeite. Quando o azeite tem um cheiro mais forte, é que já está rançoso.

Provai o azeite, com a ponta do dedo.

—O azeite não tem muito sabor; é sem graça; tomado em maior quantidade é enjoativo.

No entanto, distinguem-se pelo gosto as differentes espécies de azeite. Geralmente se prefere o azeite de oliveira a todos os outros, mas em certas regiões o azeite da nóz bem fresca é muito apreciado. Ha azeites, como o de andiroba, que são empregados como combustivel para a illuminação, por causa do seu sabor desagradavel. Outros ha, como o de amendoadas doces, que são medicinaes?

Collocai o vosso dedo gorduroso num quadradinho de papel bem limpo.—Mais antes de tudo adivinhai o que vai acontecer.

—O papel ficará manchado. Tomará certa côr escura no lugar engordurado. Mas collocado contra a claridade apparecerá mais claro nesse lugar, sem que no entanto nada se possa ver ao través.

O azeite torna o papel translucido.

Que entendeis por isso?

—Um corpo é translúcido quando elle deixa coar a luz, sem contudo deixar distinguir os contornos dos objectos; e por ser o papel azeitado translúcido, é que se póde substituir uma vidraça quebrada, emquanto se não manda chamar o vidraçeiro, por uma folha de papel untado de azeite.

Uma gota de álcool ou de água produziriam, aliás, o mesmo effeito: haveria, no entanto, uma differença, que descobrireis vós mesmo, quando eu *aquecer durante alguns momentos*, sobre a chamma da vela, uma mancha de álcool ou de água, e uma mancha de azeite.

As manchas d'água e de álcool desaparecem sob a acção do calor, emquanto que a mancha de azeite persiste. A água e o álcool evaporam-se; o azeite não. Eis porque o papel azeitado conserva a sua translúcidade, emquanto que o papel molhado pela água ou pelo álcool, vae se tornando novamente pouco a pouco opaco.

Mettamos algumas gotas de azeite na água deste frasco.

—O azeite boia.

Qual a conclusão que disso devemos tirar?

—Devemos concluir que o azeite é menos denso que a água.

Realmente, um litro de azeite peza pouco mais de 900 grammas, um litro d'água peza 1000.

Se agitarmos o frasco que contem azeite e água, forçaremos os dois liquidos a se reduzirem em goticulas e a se *misturarem*. É o que realmente acontece.

—Depois da agitação não mais se distinguem as duas camadas liquidas; parece que o frasco contem leite; momentos depois a água retoma em parte a sua transparencia, permanecendo sempre um pouco turva, emquanto que a camada amarellada do azeite conserva-se sempre um pouco leitosa. A comparação do azeite agitado na água com o leite, é muito feliz, pois que o leite não passa de muita água com goticulas de certa matéria gordurosa que sobrenada pouco a pouco á superficie para formar a nata, e que em seguida é reunida e batida para fabricar a manteiga... A água permanece turva porque conserva goticulas de azeite, e inversamente o azeite se conserva turvo porque retem em si pequenas gotas d'água. Mas se o deixarmos repousar durante mais largo espaço de tempo, tudo acabará por se clarificar.

Esvasemos o frasco. Tentemos de laval-o com água. Não o conseguiremos. Podeis imaginar um meio de restituir ao vidro a sua transparencia?

—Poder-se-ia empregar água e sabão em vez de água pura.

Com effeito, a experiencia dá resultado, principalmente se repetirmos mais uma vez a lavagem. O sabão tem a propriedade de absorver e de dissolver as matérias gordurosas. Ha mais o sabão que se dissolve muito bem na água: fabrica-se com matérias gordurosas, notadamente com o azeite de oliveira.

O azeite é sobretudo *extrahido* dos vegetaes, onde existem pequenissimas gotas excessivamente finas, quasi microscópicas. E' em geral dos caroços que se extrahе o azeite. No entanto, o azeite de oliveira provém da polpa carnosa desse fruto. As principaes plantas que nos fornecem azeites são: a oliveira, a noqueira, o linho, o cânhamo, as amêndoas, o coqueiro, a árvore do dendê etc.

Os azeites são empregados não somente para a alimentação, a illumination e a fabricaçào dos sabões, mas ainda para a preparaçào de certas tintas de pintar, de tinta de impressào e vernizes. Para extrahi-los esmagam-se os grãos, os caroços ou frutos, que se amassam fortemente, ou frios ou quentes. Em seguida é purificado e clareado, segundo os empregos aos quaes são destinados os azeites.



Moreira de Sousa, o conhecido intellectual que constantemente nos distingue com a sua valiosa collaboraçào, promette, para o número vindoiro da Revista, o estudo—*Da moral na educaçào*, que é mais uma revelaçào da sólida cultura do seu espirito de elite.

As *Páginas escolhidas* serão de **Alexandre Herculano**, o másculo manejador da lingua portuguesa, e cuja personalidade litteraria **F. R.** enquadrará, em introducçào ás páginas, na casta suavidade da sua prosa.

A Vida Escolar no Estado

Estabelecimentos públicos

EXERCÍCIOS GERAES DE ENSINO PRIMÁRIO

O sr. dr. secretário da instrução pública acaba de instituir, entre os estudantes primários que frequentam os nossos estabelecimentos públicos de ensino, exercicios geraes de leitura, declamação, redacção, estylo, etc. E' um dos desdobramentos da refórma que, com apreciaveis e indiscutíveis vantagens, foi introduzida, em tão bôa hora, na nossa organização escolar, remodelando, em seus fundamentos, a arte de ensinar. A aprendizagem se faz, assim, de um modo suave, attrahindo naturalmente, para o assunto, a atenção da criança, despertando-lhe as faculdades perceptivas, avivando-lhe a imaginação, animando-lhe a vontade, estimulando-a, emfim, pela concorrência do collega e pelos louvores do mestre.

A esses torneios, affirmadores dos optimos resultados que os novos moldes de ensino já vão produzindo, a mocidade escolar tem accorrido com enthusiástico ardôr, empenhando-se com galhardia na conquista dos seus primeiros triumphos intellectuaes. Ella corresponde, por esse feitio, aos recommendáveis esforços dos seus professores, e satisfaz á carinhosa espectativa do illustre sr. dr. secretário do interior.

E' de vêr a vivacidade dos estudantes por occasião dos certamens. Perderam elles, nesse alegre convivio que a refórma estabeleceu entre educadores e discipulos, o ar acanhado e triste de outr'ora, quando a escola era uma prisão e o mestre, de férula em punho, fazia da pancada e do terror os vehiculos do ensinamento. A escola de hoje, essa radiosa e fúlgida colmeia, transformou completamente a criança: fê-la alegre, desembaraçada, viva; interessou-a pelas lições; educou-lhe a observação e o raciocinio; despertou-lhe a curiosidade; cultivou-lhe os bons sentimentos; tornou-a amiga do mestre . . .

Já não é conquista de pequena monta; e quem tal consegue, em tão pouco tempo, pratica obra meritória e duradoura.

Os exercicios a que nos referimos são a attestação pública do que vimos de dizer.

Oxalá es senhores professores não desanimem, proseguindo com denôdo na trilha tão promissôra e intelligentemente encetada; e que a refôrma tenha sempre, para glória do Pará, a applicação que effectivamente deve ter.

—Abaixo noticiamos o resultado dos interessantes torneios; e, como estímulo, inserimos as provas que, nos exercicios de redacção, conquistaram os dois primeiros premios. São singelas descripções de um quadro, posto, no momento, á vista dos estudantes. Publicamol-as tal como fôram escritas pelas suas pequenas autôras, para que a mestra, apontando-lhes os defeitos, lhes faça as observações convenientes.

—Hoje realizar-se-á animado torneio de declamação no grupo escolar José Verissimo. Daremos o resultado no proximo número da Revista.

Exercicios de leitura

No dia 8 de maio, ás 8½ horas da manhã, no edificio onde funciona o grupo escolar Barão do Rio Branco, realisou-se o exercicio geral de leitura, feito pelos alumnos dos sete grupos escolares da capital e dos institutos Gentil Bittencourt e Lauro Sodré.

O acto foi presidido pelo sr. dr. secretário da Instrucção Publica, sendo a commissão examinadôra composta das seguintes normalistas: Ernestina França Cardoso, Catharina Pereira Dourado, Brazilina Guimarães e Gemina Pinto. Compareceram 30 estudantes, pertencentes aos seguintes estabelecimentos:

1º GRUPO ESCOLAR:

Arthur Costa, Hermenegildo Araujo, Hildebranda Cunha e Antonia Cardoso.

2º GRUPO:

Francisco Alves de Sousa, Arnaldo Neves da Silva, Margarida de Oliveira Quaglia e Maria de Nazareth Chagas.

3º GRUPO:

Humberto Byelby, Pedro Guerreiro, Francisca Salles Santos e Maria Ignez Alves de Mello.

GRUPO JOSÉ VERISSIMO:

Ernestina Faria, Maria Innocencia Cardoso, Julio Valois Ferreira e Armando Lima.

GRUPO BARÃO DO RIO BRANCO:

Esaumar Marques, Elodie Cardoso, Teixeira, Henrique Coqueiro e Dulcidio Barata.

6º GRUPO:

Antonia Josepha da Silva, Dhulia Celeste Costa, Gonçalo Maia e Daniel Pereira.

7º GRUPO:

Aurea Leal Dias e Francisco Marques da Costa.

INSTITUTO GENTIL BITTENCOURT:

Guiomar Dias e Sophia Pinheiro.

INSTITUTO LAURO SODRÉ:

Dulcardo Moreira Lobato e João de Nazareth Miranda e Silva.

Todos fizeram a leitura de trechos escolhidos pela banca julgadora nos livros *Pátria Brasileira* e *Livro de leitura complementar*, adoptados presentemente nas escolas.

Findas as ditas provas, foi feito o julgamento, que deu o seguinte resultado: 1º PREMIO—Maria Ignez Alves de Mello, *do 3º grupo*; 2º PREMIO—Elodie Cardoso Teixeira, *do grupo Barão do Rio Branco*; MENÇÕES ESPECIAES: Francisco Alves de Sousa, *do 2º grupo*, e Antonia Josepha da Silva, *do 6º*.

Assistiram ao acto o sr. inspector escolar dr. Juruema Franco, a directora do grupo e as directoras e directores dos outros grupos da capital e do instituto Lauro Sodré, e tambem as professoras das escolas complementares.

Exercicios de redacção

A 29, pela manhã, effectuaram-se, no grupo escolar José Verissimo, as provas de redacção e estylo, entre alumnos das escolas complementares da capital.

Ao acto, que foi presidido pelo sr. dr. secretario de Esta-

do do interior, justiça e instrução publica, compareceram os srs. inspectores escolares, drs. Juruema Barroso Franco e Luiz Barreiros, os directores de grupo e professores das escolas complementares da capital.

A commissão julgadôra compunha-se das normalistas— Joanna Feio de Lemos Maneschy, Graziella Moura de Paula Ribeiro, Virgilia Lelo do Valle e Philomena Barriga Simões.

Foram inscriptos os seguintes meninos:

1.º grupo :

Juliana Abreu de Oliveira
Maria Celestina da Silva
Torquato Franco
Arthur Costa

2.º grupo :

Francisca do Céu Ribeiro
Anna Seripó de Lima
Carlos Antunes Ferreira
Augusto Hall Engelke

3.º grupo :

Alcinda Cacella
Semiramis Cordeiro
Francisco de Almeida Pinto
Enéas Martins

Grupo José Verissimo :

Esther Costa
Zilda Proença
Armando Pereira
Manuel Printes Pinheiro

Grupo Barão do Rio Branco :

Maria Pereira Lima
Sulamita da Motta Martins
José Pontes Nepomuceno
Edison Gonçalves de Figueiredo

6.º grupo :

Gaditana Figueiredo Moura
Julieta Nunes Pinto

Heraclides Barbosa
Antonio Paixão

7.º grupo:

Estella Soton
Luiz Oliveira

Instituto Gentil Bittencourt:

Alice Martins Teixeira
Maria Izaura de Lima

Instituto Lauro Sodré:

Dulcardo Moreira Lobato
João de Nazareth Miranda e Silva

Deixaram de comparecer—Semiramis Cordeiro e Enéas Martins, alumnos do 3.º grupo.

A commissão, com approvação do dr. secretario, conferiu o 1.º premio á menina Maria Izaura de Lima, alumna da professora Izaura Pires de Britto, do *Instituto Gentil Bittencourt*.

O 2.º premio, obteve-o a menina Zilda Proença, do grupo *José Verissimo*, alumna da professora Virginia Faria Alves da Cunha.

Obtiveram menções especiaes as meninas—Alcinda Cacella, do 3.º grupo, alumna da professora Maria Sarmanho; Maria Pereira Lima, do grupo escolar Barão do Rio Branco, alumna da professora Domingas Augusta Soares; Alice Martins Teixeira, do Instituto Gentil Bittencourt, alumna da professora Ernestina Braga da Silva Villaça, e o menino Dulcardo Moreira Lobato, do Instituto Lauro Sodré, alumno do professor Hilario Sant'Anna.

1º Premio

DESCRIPÇÃO DE UM QUADRO.

E' assim como uma destas limpidas manhãs do actual mez de Maio o que representa este quadro.

O céu é todo de um clarão fulgurante; faixas de nuvens matizadas e erráticas entrelaçam-se na aboboda. Sob esta deslisa, sem marulhos sensiveis, as aguas crystallinas de um rio; e um leve sopro de briza que passa, faz as aguas deste tomarem arrepios, parecendo que sobre ellas cahe uma chuva de areia finissima.

Melancolicas são as moitas expassas que o adornam. Á beira-mar a terra está marchetada de pedrinhas; nota-se bem claramente que na sua superficie está poisada uma canôa, estando nella sentado um homem, que parece pensar ou estar contemplando a paizagem em extase profundo. Depara-se neste logar com casas que têm uma certa elegancia e graça. Vê-se surgir de uma dellas uma mocinha que sustem na mão um objecto; segue-a um destes amigos infatigaveis do homem, um cão, sendo este de uma côr negra avelludada; em direcção da mencionada mocinha está um pequeno numero de aves, uma das quaes dirige-se a uma vasilha que lhes serve de bebedouro; outras, como alvos cysnes, passeiam cacarejando. Outra casa desperta a attenção por estar implantada entre grandes e verdejantes arvores; verdadeiramente fallando, pode-se dizer que está quasi que coberta por ellas; as suas folhas dão-lhe uma côr de verdura e uma vida cheia de luz.

Devem ser domicilios singelos, porém de verdadeira harmonia e carinho.

Maria Isaura de Lima.

2º Premio

DESCRIPÇÃO

Eis a idéa principal deste quadro:—E' pela manhã. O sol começa a espalhar-se por sobre esta vasta superficie. Um rio, que vejo ao lado esquerdo, reflecte em suas aguas os raios desse bello astro—o sol, assim como o fogo de um forno, que avisto perto de uma das margens desse mesmo rio. A' adjacencia direita do forno, vemos dois barcos, cujas velas são da fórma de estandartes; essas pequenas embarcações estão carregadas de barricas, que parecem ser de farinha de trigo, o que me faz presumir que o forno serve para padaria dos habitantes desse pobre retiro.

Um pouco mais ao fundo do quadro, observo umas arvores muito fartas de folhas, e, entre ellas, uma especie de um forte, porem não sei o que possa ser, nem que utilidade tem. Por traz dessas arvores vemos uma serreta, cujo cume é quasi uniforme.

Ao lado direito do quadro que descrevo distingo umas arvores, estando suas copas todas reunidas. A' frente dessas arvores enxergo duas choupanas muito pobres, que parecem ser habitadas, pois suas chaminés despedem ondas de fumaças. Pelas janellas dessas tôscas mas alegres casas, vejo reflexos de fogo que, com certeza, ha na cosinha—Uma dessas casas é maior que a outra, e é até um pouco assobradada. Tem uma escada de um lado, e por ella vem descendo uma pobre camponeza, embuçada em pannos de lã devido ao frio. Em outra porta está uma outra camponeza, tambem embuçada, e que dá de comer á uns ganços que se acham na frente da casa. Encostados á uma pequenita escada que vejo na parede de fora da casa, estão muitas varas e um cesto que parece já ter uso.

Em uma das margens do rio que já descrevi, encontro uma cerca de uns paus brutos, estando um pouco inclinada, afim de as aguas não a destruirem.

No chão, disseminadas aqui e alli, pedras de todos os tamanhos e fórmas.

Um pobre pescador, dentro de um barco, que, por estar mais perto que os outros, parece ser maior, com a sua rede e faias, espera que as aguas cresçam para começar a sua faina.

Como são bellos os panoramas que a Natureza ostenta, como por exemplo o deste quadro; e o firmamento, como se apresenta com seus tons alacres, que até nos faz prostrar genuflexas, pedindo que a Graça Celeste caia sobre nossas fronteiras, a ajudar-nos a cultivar a intelligencia, sahindo assim das trevas da ignorancia.

Zilda Proença



Movimento escolar do 1º grupo no mês
1º Grupo Escolar de maio:

A matricula deste grupo consta de 346 alumnos:

Secção masculina	135
» feminina	211

A frequencia maior foi de 271 alumnos; a menor de 177, e a média de 224.

Por portaria de 8, fôram concedidos, em
Licenças prorogação, mais dois meses de licença á ad-
juncta deste grupo dona Julieta Góes das Dôres.

—No dia 17 reassumio o exercicio do seu cargo a pro-
fessora da 2ª. escola elementar masculina, dona Maria Magno de
Araujo, que se achava licenciada.

Nos dias 6 e 25, o dr. Luiz Juruema Bar-
Visitas roso Franco, inspector escolar, visitou este grupo
e assistiu, demoradamente, a todas as aulas.

—No dia 21 o dr. Luiz Barreiros, inspector escolar, das
9 ás 11 horas, assistiu a todos os trabalhos das aulas, deixando
no livro de termos de visitas palavras que bastante honram
este estabelecimento.



Situado á travessa Benjamin Constant, 79,
2º Grupo Escolar continúa a ser dirigido pela professora Placidia
Alves Cardoso

—No mês de maio a matricula elevou-se a
443 alumnos:— 205 na secção masculina e 238 na feminina.

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar (Professora dona Barbara Leal Lienthier).

Matricula.....	16
Frequencia maior.....	13
» menor.....	9
Média da frequencia.....	11

—As composições dos alumnos desta escola deram o seguinte resultado:

Carlos Antunes Ferreira.....	8,5
Francisco Alves de Souza.....	6,5
Augusto Hall Engelk.....	1,5
Arnaldo Silva.....	3,5
Innocencio do Espirito Santo.....	3,5
Antonio Pedro de Castro.....	0
Casimiro de Araujo Pontes.....	0
Flavio Galvão.....	0
Satyro da Paixão e Silva.....	0
Joaquim Penna de Araujo.....	0
Alcides Pampolha Neves.....	0
João Gomes Tavaras.....	0
Faltaram quatro alumnos.	

—1^a. *Escola elementar*—Professora effectiva dona Vicentina Farias da Silva, (está licenciada desde 1 do corrente, sendo substituida pela professora adjuncta dona Antonia de Lima Tabb).

Matricula.....	114
Frequencia maior.....	68
» menor.....	49
Média da frequencia.....	61

E' adjuncta desta escola a professora dona Raymunda Philomena Maia.

—2^a. *Escola elementar*—Professoras donas Bemvinda Amelia e Laura Oliveira de Villas Bôas (adjuncta).

Matricula.....	42
Frequencia maior.....	34
» menor.....	24
Média da frequencia.....	30

—3^a. *Escola elementar* (A professora effectiva dona Angelica Virgilia Pereira Seixas obteve prorogação de licença, con-

tinuando a ser substituída pela professora dona Margarida Lameira Ramos Martins. E' professora-adjuncta desta escola dona Cisalpina Belfort Bahia).

Matricula	33
Frequencia maior	27
» menor	18
Média da frequencia	25

SECÇÃO FEMININA

Escola complementar (Professora dona Joanna Martins de Oliveira).

Matricula	20
Frequencia maior	17
» menor	13
Média da frequencia	16

—As composições das alumnas desta escola deram o seguinte resultado: Francisca do Céu Ribeiro, 9,63; Maria de Nazareth Chagas, 9,3; Anna Seripó de Lima, 9; Raymunda Hilda Moreira, 8,83; Altamira Augusta Duarte, 8,66; Margarida de Oliveira Quaglia, 8,5; Ada Luisa Parkinson, 7,33; Helena Campos de Araujo, 7,33; Tarcila Martins Corrêa, 7,33; Maria Augusta Moreira, 7,9; Raymunda Domingas Silva, 6,56; Eulalia Campbell da Costa, 6,16; Corina da Silva Cravo, 5,83; Raymunda Dalila de Sant' Anna, 5, 8; Sebastiana Eutropia da Silva, 4, 66; Eurydice da Costa Marques, 4,56.

Faltou a alumna Maria do Carmo Soares.

—1^a. *Escola elementar*—Professoras donas Brasilina Guimarães e Iraides Mattos (adjuncta)

Matricula	128
Frequencia maior	81
» menor	60
Média da frequencia	70

—2^a. *Escola elementar* (Professoras donas Raymunda Thereza de Mello e Antonietta Sobral Amoêdo, que substitue a adjuncta effectiva dona Antonia de Lima Tabb).

Matricula	56
Frequencia maior	38
» menor	22
Média da frequencia	34

3^a. *Escola elementar* (Professoras donas Anna Sarah de Mattos e Anna Ezequiella da Costa Leite (adjuncta).

Matricula.....	34
Frequencia maior.....	27
» menor.....	22
Média da frequencia.....	29

—A maior frequencia neste mês foi de 305 alumnos:— secção masculina—142, secção feminina, 163; menor frequencia, 217, secção masculina 100, secção feminina 117; média da frequencia, 262.

—Visitaram este estabelecimento, neste mês, os snrs. inspectores escolares, dr. Juruema Franco, no dia 9—(1^{as}. escolas e 2^a. escola masculina); e dr. Luiz Barreiros, no dia 23, que esteve em todas as escolas.



As aulas deste estabelecimento funcionaram regularmente durante todo o mês de maio, attingindo a matricula a 561 alumnos, distribuidos da seguinte fórma:

<i>Secção masculina</i>	{	Escola complementar.....	27
		1 ^a . » elemental.....	107
		2 ^a . » »	64
		3 ^a . » »	48
			246

<i>Secção feminina</i>	{	Escola complementar.....	37
		1 ^a . » elemental.....	142
		2 ^a . » »	81
		3 ^a . » »	55
			315

A maior frequencia foi.....	393
» menor » »	252
» média » »	323

—No dia 23, reassumiu o exercicio do seu cargo a adjuncta da 3^a. escola elementar masculina, normalista Sylvia Falcão de Macêdo Costa, que se achava licenciada.

—A 15, pediu dois meses de licença, em prorogação, a professora da 3^a. escola elementar feminina, normalista Maria Minervina Paes de Andrade, continuando a substituil-a a normalista Geraldina das Mercês Siqueira.

—Em principio do mês de maio, foi nomeada, para uma substituição no grupo escolar Barão do Rio Branco, a normalista Donatilla Gomes d'Oliveira, que, durante mais de um anno, exerceu o cargo de adjuncta neste estabelecimento, onde deu prova de dedicação e amor á profissão; substituiu, na ocasião em que foi transferida, a adjuncta effectiva, normalista Geraldina das Mercês Siqueira, sendo preenchido actualmente o lugar pela normalista Graziella Moura de Paula Ribeiro.

--Foi, ao mesmo tempo, nomeada para dirigir em commissão o grupo escolar da villa do Pinheiro, a adjuncta effectiva deste grupo, normalista Emiliana Sarmiento de Carvalho, que está sendo substituida pela normalista Ignez Pinto de Castro.

Profundas saudades produziu no estabelecimento a retirada das duas distinctas preceptoras.

— A 24, pela madrugada, falleceu, nesta capital, o porteiro effectivo do grupo, Manoel Simões Rodrigues dos Santos, que se achava licenciado desde o dia 14 do mesmo mês. Em nome do grupo, foi depositada uma corôa sobre sua sepultura.

—A 25 deste mês, esteve neste estabelecimento o sr. dr. Fléxa Ribeiro, secretario da Instrucção Publica, que visitou todas as escolas, retirando-se satisfeito, segundo a impressão deixada no livro respectivo.

—Foi o grupo inspeccionado a 20, pelo dr. Luiz Barreiros, e a 14 e 27 pelo dr. Juruema Franco, inspectores escolares, que, visitando as escolas e arguindo alguns alumnos, se manifestaram tambem satisfeitos.



Grupo escolar Barão do Rio Branco	O grupo escolar Barão do Rio Branco funciona, desde janeiro de 1908, em prédio proprio, sito á avenida Generalissimo Deodoro, 138. Está sob a direcção effectiva da normalista Maria-Luisa Pinto de Amaral.
--	---

—No mês de abril funcionaram regularmente as aulas de todas as escolas deste grupo, tendo havido 22 dias de trabalho, os quaes, reunidos aos 55 havidos nos meses do primeiro trimestre, perfazem os 77 dias que até então temos tido.

—Continuamos a ter grande affluencia de candidatos á matricula deste grupo. Nas 1.^{as} escolas elementares masculina e feminina, fomos obrigados a fechal-a, tal foi a affluencia de alumnos. Com a eliminação feita no 1.^o trimestre deram-se algumas vagas, as quaes foram, em poucos dias, preenchidas, de modo que fomos forçados de novo a cerral-a.

—Até o fim deste mês, a matricula total attingiu a 696 alumnos, sendo: 335 da secção masculina e 361 da feminina. Estão elles distribuidos pelas oito escolas, na seguinte ordem:

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar: 1.º e 2.º annos. Professôra substituta, normalista Cecilia Magno Travasso dos Santos.

Matricula.....	23
Frequencia máxima.....	21
» minima.....	18
Média.....	19

—1.ª escola: 1.º anno do curso elementar. Professôra efectiva, normalista Juventina Damasceno Pereira Serra; adjuncta efectiva Mathilde de Campos Moreira.

Matricula.....	135
Frequência máxima.....	101
» minima.....	72
Média.....	86

—2.ª escola—2.º anno do curso elementar. Professôra efectiva Maria Lavareda Rocha; adjuncta efectiva Marieta Pinto de Castro.

Matricula.....	97
Frequência máxima.....	63
» minima.....	42
Média.....	52

—3.ª escola—3.º e 4.º annos do curso elementar. Professôra substituta Carlota Justo Ribeiro; adjuncta efectiva Vicencia Theodolina Nascimento.

Matricula.....	80
Frequência máxima.....	56
» minima.....	38
Média.....	47

SECÇÃO FEMININA

—*Escola complementar: 1.º e 2.º annos. Professôra efectiva Domingas Augusta Soares.*

Matricula.....	47
Frequencia máxima.....	40
» minima.....	22
Média.....	36

—1ª escola: 1º anno do curso elementar. Professora effectiva—Mirandolina Faria Damasceno; adjuncta effectiva Francilia Pereira Nunes.

Matricula.....	142
Frequência máxima.....	106
« mínima.....	64
Média.....	85

—2ª escola: 2º anno do curso elementar. Professora effectiva—Brazia Eulalia Gurjão; adjuncta substituta Odina Dorothéa Cardoso.

Matricula.....	60
Frequência máxima.....	64
» mínima.....	57
Média.....	60

—3ª escola: 3º e 4º annos do curso elementar. Professora effectiva, Ernestina França Cardoso; adjuncta substituta Olympia Dias da Cunha.

Matricula.....	82
Frequência máxima.....	70
» mínima.....	52
Média.....	61

—O movimento da frequência total neste mês foi o seguinte:

Frequência máxima.....	500
» mínima.....	296
Média.....	423

—Em 17 deste, reassumiu o exercicio de seu cargo de professora effectiva da 3ª escola elementar feminina, a normalista Ernestina França Cardoso, que se achava licenciada. Passou para seu lugar de adjuncta effectiva da 1ª escola elementar feminina, a normalista Francilia Pereira Nunes, que a substituiu, sendo dispensada a normalista Antonietta Sobral Amoêdo.

—Neste mês, o grupo foi visitado pelo sr. secretario da Instrucção Pública, dr. Fléxa Ribeiro, que assistiu ás aulas em várias escolas, inspeccionou minuciosamente todo o estabelecimento, e trouxe em sua proveitosa visita os mais valiosos incentivos ao desenvolvimento da instrucção nesta casa de ensino.

O sr. inspectôr escolar, dr. Juruema Franco, visitou por duas vezes este grupo, no corrente mês.

—A 20 deste, como passasse a data natalicia do inolvidavel

brasileiro Barão do Rio Branco, este grupo, que se orgulha de ter o seu nome, não deixou passar despercebida essa data. Foi ella commemorada da seguinte fórma: a bandeira hasteada durante todo o dia; a directora, reunindo o corpo docente em seu gabinete, lembrou-lhe a data que se passava, pelindo-lhe que dedicasse uma hora a uma pequena palestra com seus alumnos, sobre a personalidade de Rio Branco; ás dez horas, fez a directôra reunir todo o corpo discênte em o salão do edificio, e lembrando aos estudantes a data commemorada, pediu-lhes que procurassem imitar os grandes exemplos de civismo, de verdadeiro e acendrado amôr pátrio, que nos deu o grande Rio Branco. Findo isto, foi entoado pelas alumnas o hymno nacional, após o que foram suspensos os trabalhos desse dia.

—No mês de máio foi a matricula deste grupo augmentada por mais 30 alumnos. Deixamos de receber muitos meninos e meninas para as 1.^{as} escolas elementares masculina e feminina, visto como nessas escolas já é excessivo o numero de alumnos. Presentemente, em todas as escolas deste grupo, é muito elevado o numero de alumnos.

Ate mesmo na complementar feminina fomos forçados a não mais aceitar alumnas, visto como a matricula já attingiu a 47 meninas.

—Ate o fim deste, a matricula total attingiu a 730 alumnos, sendo: 356 da secção masculina e 374 da feminina. Destes pertencem ás escolas complementares 71 e 659 ás elementares.

Todos estes alumnos estão distribuidos pelas oito escolas, na ordem seguinte, e com o movimento de fréquência abaixo mencionado:

SECÇÃO MASCULINA

Escola complementar—Professora substituta Cecilia Magno Travassos Santos.

Matricula.....	24
Frequência maior.....	21
» menor.....	17
Média.....	19

—1.^a escola—1.^o anno elementar. Professora effectiva Juventina Damasceno Pereira Serra.

Matricula.....	143
Frequência maior.....	92
» menor.....	73
Média.....	82

—2ª escola—2º anno elementar. Professôra effectiva Maria Lavareda Rocha; adjuncta effectiva Mariêta Pinto de Castro.

Matricula	105
Frequência maior	82
» menor	62
Média	71

—3ª escola—3º e 4º annos elementares: Professôra substituta Carlota Justo Ribeiro; adjuncta effectiva Vicencia Theodolina Nascimento.

Matricula	84
Frequência maior	58
» menor	52
Média	55

SECÇÃO FEMININA

Escola complementar— Professora effectiva, Domingas Augusta Soares.

Matricula	47
Frequência maior	41
» menor	30
Média	36

—1ª escola—1º anno do curso elementar—Professôra effectiva Mirandolina Faria Damasceno; adjuncta effectiva Francisca Pereira Nunes.

Matricula	144
Frequência maior	101
» menor	60
Média	80

2ª escola—2º anno do curso elementar—Professora effectiva Brazia Eulalia Gurjão; adjuncta substituta Donatilla Gomes de Oliveira.

Matricula	97
Frequência maior	71
» menor	52
Média	61

3ª escola—3º e 4º annos do curso elementar—Professora effectiva Ernestina França Cardoso; adjuncta substituta Olympa Dias da Cunha.

Matricula.....	86
Frequência maior.....	72
» menor.....	52
Média	62

—A frequencia durante este mês foi a mais animadora possivel, pois que, durante os 24 dias de trabalho que tivemos, ella oscillou sempre de 415 a 508. Assim o seu movimento foi:

Frequência máxima.....	508
» mínima.....	415
Média	471

—Por duas vezes, durante o mês, esteve neste grupo o sr. dr. Fléxa Ribeiro, digno secretario interino da Instrucção Pública, que assistiu a várias aulas em algumas escolas, arguindo os alumnos, e visitando detidamente, em seguida, o estabelecimento.

Ao sair, deixou no livro de visitas a sua impressão, em termos que devéras honram a directôra e corpo docente desta casa de ensino.

—Nos dias 1 e 23 esteve, neste grupo, o sr. inspector escolar dr. Juruema Franco, que inspeccionou todo o estabelecimento, e disse ter tido bôa impressão de suas visitas, affirmando isso nos termos que consignou no respectivo livro.

—A 18, em companhia do dr. secretario da Instrucção Pública, visitou pela primeira vez este grupo o inspector escolar ultimamente nomeado, sr. dr. Luiz Barreiros.

Fizeram elles detida visita a todo o estabelecimento, assistindo aulas, e arguindo os meninos.

O sr. inspector deixou no livro de termos de visita a sua impressão, em termos elogiosos.

—No dia 2 deixou de fazer parte do corpo docente deste grupo a normalista Odina Dorothea Cardoso, por ter sido nomeada adjuncta effectiva do 6º grupo, deixando-nos bôas recordações pelos seus bons serviços e grande assiduidade.

—A 7, assumiu o exercicio de adjuncta substituta a normalista Donatilla Gomes de Oliveira, durante o impedimento da serventaria effectiva, Carlota Justo Ribeiro, substituição esta que era exercida pela normalista Odina Dorothea Cardoso.

—Com o intuito de estimular o gosto pelo estudo, entre os jovens estudantes matriculados neste grupo, resolvemos publicar os nomes dos dois ou tres alumnos de cada uma das escolas, que mais se distinguiram durante o mês por sua applicação e bom comportamento.

São elles:

SECÇÃO MASCULINA

1.º e 2.º annos (curso complementar): Anilocin Barjona de Miranda e Edison Figueiredo.

1.º anno elementar: Heronides José do Nascimento e Adriano X. de Oliveira Pimentel.

2.º anno elementar: Manoel Vieira de Brito e Joaquim da Cruz dos Santos.

3.º anno elementar: Hermes Felismino de Jesus Brito e Vicente Pires dos Reis.

4.º anno elementar: Walter Guimarães Pereira e Silva e Mário Guimarães Pereira e Silva.

SECÇÃO FEMININA

1.º e 2.º annos (curso complementar): Magdalena de Azevedo Valente e Maria de Lourdes Araujo.

1.º anno elementar: Margarida de Azevedo Valente e Isaura Souza Ferreira.

2.º anno elementar: Cecilia Mendes e Raymunda Pantoja.

3.º anno elementar: Francisca de Castro Sampaio e Raymunda de Brito Rosas.

4.º anno elementar: Laura Guimarães Pereira da Silva e Stella da Costa e Silva.

—No exercicio geral de leitura, feito neste estabelecimento no dia 8 deste mês, foi premiada a menina Elodie Cardoso Teixeira, alumna da escola complementar; e no exercicio de redacção, realisado no grupo José Verissimo a 29 deste, recebeu menção especial a menina Maria Pereira Lima, tambem alumna deste grupo.

Directoria do grupo escolar Barão do Rio Branco, em Belem do Pará, 1º de junho de 1912.

A Directora,

MARIA LUISA P. AMARAL.



Pelo Magisterio

DECRETOS

—Maio, 1912

Dia 2—O dr. Fernando de Castro Paes Barreto foi nomeado para exercer, effectivamente, o cargo de director da Bibliotheca e Archivo Publico do Estado.

—Para exercer, em commissão, o cargo de directora do grupo escolar da villa do Pinheiro, durante o impedimento do respectivo serventuario, foi nomeada a adjuncta effectiva do 4º grupo escolar desta capital, normalista Emiliana Sarmiento de Carvalho.

—Foi nomeada dona Dalila Lamarão de Carvalho para exercer, effectivamente, o cargo de inspectora de alumnas do Gymnasio Paes de Carvalho.

—O bacharel Antonio Ferreira Franco foi exonerado do cargo de director do 7º grupo escolar da capital.

Dia 7—Para exercer, effectivamente, o referido cargo, foi nomeado o bacharel Augusto Cesar de Moura Palha

Dia 8—Obteve tres meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 24 de abril ultimo, a professora effectiva da escola complementar mista do grupo escolar de Soure, normalista Antonia Joaquina de Castro Tavares.

Dia 9—A' normalista Julieta Góes das Dôres, adjuncta effectiva no 1º grupo escolar da capital, fôram concedidos dois mesês de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para continuar a tratar de sua saude.

Dia 9—Ao professor effectivo da 1ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Santarém, normalista José da Silva Nunes, fôram concedidos tres meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para tratar de sua saude.

Dia 11—Foi nomeado Euclides Monteiro dos Santos para reger, interinamente, a escola elementar do sexo masculino da villa de Portel.

—Para membro do Conselho Escolar de Miraselvas, foi nomeado o sr. José Alves Pinheiro, na qualidade de representante do sr. dr. governador do Estado.

—A' professora da 1ª escola elementar da secção masculina do 2º grupo escolar da capital, normalista Vicentina Faria da Silva, foram concedidos quatro meses de licença, na forma da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier, a contar de 1º do corrente mês.

Dia 18—De accordo com a proposta do secretario do interior, justiça e instrucção publica, foi nomeada, por promoção, para reger, effectivamente, a 2ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar de 2ª entrancia da cidade da Vigia, vaga com a remoção da respectiva professora para o grupo escolar do Mosqueiro, a normalista Belmira de Almeida e Lima, actual professora effectiva da 1ª escola elementar feminina do grupo escolar de 1ª entrancia da cidade de Vizeu.

—A' normalista Angelica Vigilia Pereira Seixas, professora da 3ª escola elementar da secção masculina do 2º grupo escolar desta capital, foram concedidos quatro meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para continuar o seu tratamento.

—A normalista Maria Minervina Paes de Andrade, professora efectiva da 3ª escola elementar da secção feminina do 4º grupo escolar, teve dois meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para continuar o seu tratamento.

—A' professora efectiva da 1ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da villa do Mojú, normalista Josepha Neves Pereira Lima, fôram concedidos dois meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 20—Attendendo ao que requereram as normalistas Maria de Moraes Novaes e Anna Rosa Rodrigues das Neves, professoras da 2ª escola elementar da secção feminina do 7º grupo escolar desta capital e da 2ª elementar da secção masculina do grupo escolar da villa do Pinheiro, respectivamente, e approvando a resolução do Conselho Superior de Instrucção Publica, votada em sessão de 10 do corrente mês, o sr. dr. governador do Estado, de accordo com o art. 101, §1º, do Regulamento geral do ensino primario, concedeu ás ditas professoras acesso da 2ª para a 3ª classe, com o augmento de 30% nos seus vencimentos, visto contarem mais de vinte annos de serviço effectivo no magisterio publico do Estado.

—Attendendo ao que requereram os normalistas:

Raymundo Aguiar de Campos Guimarães, professor da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Obidos;

Porphiria Rodrigues da Silva Damasceno, professora da 1ª escola elementar da mesma secção do grupo escolar da cidade de Baião;

Antonia de Lima Tabb, professora adjuncta do 2º grupo escolar desta capital;

Bemvinda Ferreira de França Messias, professora adjuncta do grupo escolar da villa do Pinheiro, e

Esther Rodrigues dos Santos Lopes, professora adjuncta do Instituto Gentil Bittencort,—e approvando a resolução do Conselho Superior de Instrucção Publica, votada em sessão de 10 do corrente mês, e de accordo com o art. 100, § 1º, letras a e b, e § 2º, do Regulamento geral do ensino primario, o sr. dr. governador do Estado concedeu aos mesmos professores vitaliciedade em seus cargos, visto contarem mais de dois annos de effectivo exercicio no magisterio publico do Estado.

—Para exercer effectivamente o cargo de directora do grupo escolar da cidade de Cametá, foi nomeada a normalista Angela Elvira Soares.

—A' professora da 2ª escola isolada do 4º districto da capital, normalista Catharina Eulalia Gurjão, fôram concedidos tres meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

—Attendendo ao que requereu o normalista Matheus José do Carmo, professor em disponibilidade da primeira cadeira do curso medio do ensino primario do Instituto Lauro Sodré, regendo actualmente uma das escolas do mesmo Instituto, em substituição do serventuario effectivo, e approvando a resolução do Conselho Superior de Instrucção Publica, votada em secção de 10 do corrente mês, o sr. dr. governador do Estado, de accordo com o art. 101, § 1º, do Regulamento geral do ensino primario, concedeu-lhe acesso da 3ª para a 4ª classe, com o augmento de 40% nos seus vencimentos, visto contar mais de vinte e cinco annos de serviço no magisterio publico do Estado.

Dia 21—Foi exonerado, a seu pedido, o professor interino da escola elementar do sexo masculino da villa de Collares, Orlando Carvalho Guilhon de Oliveira.

Dia 22—Obteve quatro meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a normalista Thomazia de Siqueira Pinto,

professora effectiva da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Maracanã.

—A' normalista Eudoxia de Jesus Alves, professora effectiva da 2ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da villa de Castanhal, fôram concedidos dois meses de licença, em prorrogação, nos termos da lei, para continuar o seu tratamento.

Dia 27—Foi nomeado Antonio Melchiades das Neves para reger, interinamente, a escola elementar do sexo masculino da villa de Collares.

Dia 28—Fôram concedidos á professora effectiva da escola complementar mista do grupo escolar da cidade de Obidos, normalista Perpetua Monteiro Figueira, quatro meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saude, onde lhe convier, a contar de 8 do cadente mês, conforme requereu.

Dia 30—Foi nomeada dona Maria Isaura de Figueiredo para reger, interinamente, a escola elementar do sexo feminino da villa de Souzel.

Dia 31—A' professora adjuncta do 7º grupo escolar da capital, normalista Cantidiana da Costa Maltez Henrique, fôram concedidos quatro meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saude, a contar de 1º de junho proximo vindouro, conforme requereu.

PORTARIAS

—*Maio, 1912*

Dia 2— Foi nomeada a normalista Ignez Pinto de Castro para substituir a adjuncta do 4º. grupo escolar, normalista Emiliana Sarmento de Carvalho, durante o seu impedimento.

—Para substituir a adjuncta do 4º. grupo escolar, normalista Geraldina das Mercês Siqueira, durante o seu impedimento, foi nomeada a normalista Graziella Moura de Paula Ribeiro.

—Foi nomeada a normalista Donatilla Gomes de Oliveira para substituir a adjuncta do grupo escolar Barão do Rio Branco, normalista Carlota Justo Ribeiro, durante o seu impedimento.

Dia 7—A' adjuncta effectiva do grupo escolar de Santa Izabel, normalista Anna Elisabeth Hammond, fôram concedidos dois meses de licença, na fôrma da lei, para tratar de sua saude, onde lhe convier.

—De accordo com a indicação do director do grupo escolar da cidade de Soure, foi nomeada dona Joanna Monteiro Alves para substituir a adjuncta do mesmo grupo, normalista Alzira Gomes Rabello, durante o seu impedimento, devendo perceber seus vencimentos desde o dia 1º. do corrente mês, data em que entrou em exercicio.

—Foi nomeado Pedro Fernandes de Sousa para exercer, effectivamente, o cargo de porteiro do grupo escolar de Bragança.

Dia 11—De accordo com a indicação do director do grupo escolar da villa de Santa Izabel, foi nomeada dona Petronilla da Silva Monteiro para substituir a adjuncta da 2ª. escola elementar da secção feminina do mesmo grupo, normalista Anna Elisabeth Hammond, durante o seu impedimento de licença, devendo a nomeada começar a perceber os vencimentos que lhe competirem desde o dia 10 do corrente, em que entrou em exercicio.

—O porteiro do Gymnasio Paes de Carvalho, Julio Augusto da Silva, teve quatro meses de licença, na fôrma da lei, para tratar de sua saúde.

—A normalista Antonieta Sobral Amoêdo foi nomeada para substituir a adjuncta do 2.º grupo escolar, normalista Antonia de Lima Tabb, durante o seu impedimento.

Dia—14 A' professora da escola complementar mista do grupo escolar da cidade de Mocajuba, normalista Valeriana Fernandes Contente, fôram concedidos sessenta dias de licença, na forma da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 1.º do corrente mês.

Dia—17 Foi nomeado o continuo da Bibliotheca e Archivo Publico, Tertuliano Maynard de Lemos, para exercer, effectivamente, o cargo de porteiro da mesma repartição.

—Por conveniencia do ensino, foi transferida a adjuncta da 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Curuçá, normalista Julia Teixeira, para a 2.ª elementar da mesma secção do referido grupo, e o desta escola, Raymundo Luciano de Sousa, para aquella.

—Foi nomeado Thomaz F. Vieira para exercer, interinamente, o cargo de porteiro do grupo escolar José Verissimo, durante o impedimento do serventuario effectivo.

—Ao porteiro do grupo escolar José Verissimo, Manoel Simões Rodrigues dos Santos, foi concedido um mês de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 14 do corrente mês.

Dia 18 —Ao professor effectivo da 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar do Pinheiro, normalista Manoel Demetrio Rodrigues, fôram concedidos dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, a contar de 16 do fluente mês.

—De accordo com a proposta do director do grupo escolar da cidade de Obidos, foi nomeado o cidadão Alfredo Henriques da Serra Aranha Junior, para substituir a professora da 1.ª escola elementar da secção masculina do dito grupo, dona Clara Fereira Brandão, durante o seu impedimento, devendo o nomeado perceber o seu vencimento desde o dia 9 do corrente, data em que assumio o exercicio.

Dia 20— A' professora da 2.ª escola elementar feminina do grupo escolar da cidade de Muaná, normalista Eugenia da Silva Coelho de Oliveira, fôram concedidos dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 7 do corrente mês.

Dia 22—Obteve dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 6 do expirante mês, o professor effectivo da 2.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Soure, servindo em commissão o cargo de director do mesmo estabelecimento, normalista Gasparino Baptista da Silva.

—Para substituir a professora da 2.ª escola elementar do sexo feminino do 4.º districto desta capital, normalista Catharina Euladia Gurjão, durante o seu impedimento, foi nomeada a normalista Rosina Quaglia.

Dia 28—Ao porteiro effectivo do grupo escolar da cidade de Muaná, Faustino de Jesus Albuquerque, fôram concedidos dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier, a contar de 14 do corrente mês, conforme requereu.

Dia 29—Obteve dois meses de licença, na forma da lei, para tratar de sua saúde, o bacharel Alfredo Lins de Vasconcellos Chaves, lente de mathematica da Escola Normal.

Dia 31—Ao porteiro do grupo escolar da cidade de Alemquer, Raymundo Antonio da Silva, fôram concedidos dois meses de licença, na forma da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 24 do corrente mês.

VÁRIAS

—Maio, 1912

—Ao dr. director do serviço sanitario, recommendou o sr. dr. secretario do interior que providenciasse no sentido de serem inspeccionados de saude, para effeito de licença, a professora do 3º grupo escolar, normalista Vicentina Faria da Silva, e o porteiro do Gymnasio Paes de Carvalho, Julio Augusto da Silva.

—Ao intendente municipal de Belem solicitou o sr. dr. secretario da instrucção publica quarenta exemplares da planta desta capital, afim de serem distribuidas pelos grupos escolares do Estado.

—Tendo-se verificado, pelo mappa de antiguidade dos adjunctos effectivos no magisterio publico do Estado, organizado até 31 de dezembro de 1910, que a adjuncta do 2º grupo escolar da capital, Antonia de Lima Tabb, é a mais antiga desse estabelecimento, cabendo a ella, portanto, a substituição da professora Vicentina Faria da Silva, que foi licenciada, e não á adjuncta Anna Ezequiela da Costa Leite, — recommendou-se á respectiva directora que fizesse a adjuncta em questão assumir a regencia da escola vaga, durante o impedimento daquella professora.

—Por indicação do director do grupo escolar de Santa Izabel, foi nomeada dona Petronilla da Silva Martins para substituir a adjuncta Anna Elizabeth Hammond, que obteve licença.

—Ao dr. director do serviço sanitario, recommendou o sr. dr. secretario da instrucção publica que providenciasse para que fôsem inspeccionadas de saude as professoras Amelia de Barros Brigido, Francisca de Salles Duarte Campos e Perpetua Monteiro Figueira, dos grupos escolares de Santa-Izabel, Pinheiro e Obidos, respectivamente, as duas primeiras por se julgarem impossibilitadas para continuar a servir no magisterio publico do Estado, e a terceira para effeito de licença.

—O sr. presidente do Conselho Escolar de Miraselvas teve communicação de que fôram nomeados membros desse Conselho, como representantes dos srs. drs. governador do Estado e secretario da instrucção publica, os srs. José Alves Pinheiro e Fausto Pereira da Silva, respectivamente.

—Foi designada a normalista Estellita Gonçalves Coelho, professora do grupo escolar de Igarapé-miry, para substituir o respectivo director, Manoel Victorio Rebello Machado, durante o seu impedimento de licença.

—O sr. dr. secretario da instrucção publica declarou á professora do grupo escolar de Soure, normalista Etelvina de Nazareth Grana Pamplona, ficar sciente da communicação que lhe fez, de ter assumido, no dia 6 de maio, a direcção interina desse grupo, em substituição do funcionario effectivo, normalista Gasparino Baptista da Silva, que se retirou doente para esta capital.

—Não tendo sido cumpridas as disposições do art. 59, nº 18, do Reg. geral do ensino primario, o sr. dr. secretario recommendou ao director do 6º grupo escolar, que remetta á secretaria o relatorio dos trabalhos desse grupo, concernente ao anno findo.

—Para prestar a sua informação, foi transmittida ao presidente do Conselho Escolar de Souzel cópia do officio dirigido ao dr. secretario pelo membro desse Conselho, Manoel Antonio Barbosa, communicando que o intendente interino se negou a passar os attestados do professor da escola elementar masculina dessa villa, Pedro Regalado Antunes de Sousa, relativos aos meses de março e abril deste anno.

—Tendo a directora do grupo escolar José Verissimo communicado o fallecimento, nesta capital, do porteiro desse grupo, Manoel Rodrigues dos Santos, ao sr. dr. secretario da instrucção publica, este apresentou a esse estabelecimento, pelo triste facto, sentidas condolencias.

—Para que possa ser approvedo o acto do Conselho Escolar da Vigia, nomeando José Jorge Alves dos Santos e dona Maria Luiza Monteiro Gomes para regerem, provisoriamente, as escolas elementares dos sexos masculino e feminino da villa de Collares, preciso se torna que sejam remettidas á secretaria, para as devidas notas, as respectivas portarias de nomeação.



**Actos
approvedos**

Fôram approvedos, pelo sr. dr. secretario da instrucção publica, os seguintes actos:

—do director do grupo escolar de Maracanã, designando a segunda annista da Escola Normal, Perola de Assis Pinto, para substituir, provisoriamente, a professora interina da 1.^a escola elementar da secção masculina, normalista Agueda Joaquina Quadros, que se retirou doente para esta capital;

—da directora do 2.^o grupo escolar, designando a adjuncta desse grupo, normalista Anna Ezequiela da Costa Leite, para substituir a professora da 1.^a escola elementar da secção masculina, normalista Vicentina Farias da Silva, durante o seu impedimento;

—do director do grupo de Macapá, contractando Ermelinda Almeida de Carvalho para servente da secção feminina, em substituição de Lina Augusta de Carvalho, que pediu dispensa;

—do director do grupo escolar de Soure, designando a adjuncta Alzira Gomes Rabello para substituir a professora da escola complementar mista, normalista Antonia Joaquina Tavares de Castro, durante o seu impedimento;

—do director do grupo escolar de Soure, designando a adjuncta Alzira Gomes Rabello para substituir a professora da escola complementar mista, normalista Antonia Joaquina Tavares de Castro, durante o seu impedimento;

—do director do grupo escolar de Anajás, cedendo o salão de honra desse estabelecimento, para nelle ter logar, no dia 21 de abril ultimo, a inauguração do Gremio Civico Litterario Barão do Rio Branco;

—do mesmo funcionario, contractando Ignez do Carmo para servente da secção feminina desse grupo, em substituição da effectiva, que pediu dispensa;

—do director substituto do grupo escolar de Cametá, designando a adjuncta Isaura Machado de Mendonça para substituir a professora da 1.^a escola elementar da secção masculina, dona Lucia de Mendonça Dias, durante o seu impedimento;

—do director do grupo escolar do Mocajuba, encarregando do leccionamento dos alumnos da escola complementar mista os professores das segundas escolas elementares, respectivamente, durante o impedimento da professora effectiva, que communicou achar-se doente;

—do director do grupo escolar de Obidos, designando as professoras Senhorinha Pinto da Silva e Clara Ferreira Brandão, aquella para substituir a professora da escola complementar mista, que requereu licença, e esta para substituir a professora Senhorinha, durante o seu impedimento;

—do director do grupo escolar de Maracanã, resolvendo effectuar, no ultimo dia de cada mês, um concurso de calligraphia e desenho a mão livre, entre todos os alumnos dos 1.^o e 2.^o annos do curso complementar e 3.^o e 4.^o do curso elementar, desse estabelecimento;

—da directora do grupo escolar José Verissimo, contractando Almino de Araujo Jorge Corrêa para servente da secção masculina, em substituição de Thomaz Vieira;

—da mesma directora, contractando Antonio de Miranda Paiva para servente desse estabelecimento.



Fôram justificadas, no mês de maio findo, as seguintes faltas:

Faltas justificadas —de 22 a 25 de abril—á professora do 3.^o grupo escolar, normalista Olympia Candida Pereira Lima;

—de 8, 9, 10, 11, 18, 19, 20 e 24— á normalista Benedicta Duarte Guimarães, professora do 1.^o grupo;

—de 10, 11, 12 e 16—á professora da 2.^a escola elementar masculina do grupo de Santa-Izabel, normalista Ceciliana Maria da Cruz Carvalho;

—de 1 e de 10 a 18; e de 1 e de 11 a 14—ás normalistas Angelina Placida Rebello de Sousa e Anna Elizabeth Hammond, respectivamente, ambas adjunctas naquelle estabelecimento;

—de 11 a 20—á normalista Raymunda Ignez de Castro, professora effectiva do grupo escolar de Soure;

—de 5 a 16 e de 25 a 29 de fevereiro ultimo—á normalista Alzira Gomes Rabello, adjuncta no mesmo grupo;

—de 12, 13, 15, 16, 17, 24 e 30 de abril—á professora da 1.^a escola elementar masculina do 2.^o grupo, normalista Vicentina Faria da Silva;

—de 19 e 20 e de 22 a 26; e de 19 e 22 a 25, respectivamente, —ás normalistas Antonia de Lima Tabb e Laura Oliveira de Villas-Bôas, adjunctas no referido grupo;

—de 10, 16, 24, 25 e 29—á professora do grupo escolar do Mosqueiro, normalista Raymunda Silva;

—de 1, 2, 9 e 29—á normalista Maria Seraphina Marques do Espirito-Santo, adjuncta naquelle grupo;

—de 28 de março a 9 de abril—á normalista Elvira Ozelina Vianna, professora do grupo escolar de São Miguel do Guamá;

—de 1 a 17 de abril—á normalista Emilia Maia de Miranda, professora interina da 1.^a escola elementar masculina do mesmo grupo;

—de 8 a 30—á normalista Bemvinda Ferreira de França Messias, adjuncta no grupo do Pinheiro;

—de 1, de 7 a 11 e de 13 a 18 de março—á normalista Raymunda de Andrade Pinheiro, do grupo escolar de Bragança;

—de 9, 14, 18, 19, 23, 27 e 28 de março, e de 12, 13 e de 23 a 27 de abril—á normalista Emiliana Sarmiento de Carvalho, adjuncta no grupo escolar José Verissimo;

—de 10 a 15 de abril—ao director do grupo escolar de Vizeu, Francisco José de Sousa Vieira;

—de 18 a 22—á normalista Maria do Carmo de Carvalho, adjuncta efectiva no 6.^o grupo escolar da capital.



Notas e Noticias

Gonçálvez Viana

A Revista insere, na presente edição, um estudo inédito, sobre assunto da lingua portugüesa, do abalisado philologo lusitano, dr. Gonçálvez Viana.

Muito se honra este mensário com a collaboração do reputado mestre, que fez acompanhar o seu precioso trabalho de uma carta autógrapha, em termos penhorantes, a Fléxa Ribeiro, nosso redactor-chefe.

Faculdade de Medicina de Bello Horizonte

Fôram inauguradas, no dia 8 de abril ultimo, com toda a solennidade, as aulas da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte. Esse acontecimento fôra officialmente communicado ao sr. dr. governador do Estado pelo dr. Cicero Ferreira, digno director daquelle estabelecimento.

S. ex^a agradeceu, por intermedio do dr. Fléxa Ribeiro, secretario do interior, a gentileza da communicação.

Curso nocturno de primeiras lettras e humanidades

O Centro Catholico do Pará mantem nesta capital, desde março do corrente anno, um curso nocturno de primeiras lettras e humanidades, inteiramente gratuito, para o operariado e apprendizes de operarios.

O curso funciona na séde do Centro, á praça Justo Chermont, n^o 21, e consta das seguintes disciplinas:—Desenho, Geographia, Historia, Portugüês, Apologetica, Arithmetica, Inglês, Geometria, Economia Social e Primeiras lettras, materias estas que são leccionadas, respectivamente, pelos seguintes professores:—dr. Theodoro Braga, dr. Lauro Chaves, dr. José Maria Mac-Dowell, padre João Coutinho, padre dr. Azevedo, dr. Alfredo L. V. Chaves, Arnold Bonnet, José Coutinho de Oliveira, padre dr. Domingos Gomes e João Evangelista de Oliveira.

As aulas funcionam em duas secções, das 7 ás 8 e das 8 ás 9 da noite, estando já matriculados mais de 120 alumnos.

Da installação do curso o Centro Catholico, por intermedio do dr. Alfredo Chaves, acaba de dar sciencia, officialmente, ao sr. dr. secretario da instrucção pública.

Exposição Escolar de Desenho

E' de esperar que a exposição escolar de Desenho e Pintura, promovida annualmente nesta capital pelo governo do Estado, tenha este anno maior animação e brilho que as anteriores.

Sabemos que os jovens concorrentes, que serão innúmeros, trabalham activamente para esse fim, e que o sr. dr. secretario do interior já empenha todo o seu louvavel esforço nos preparativos do utilissimo certamen.

Lições de Coisas

Devido á penna do nosso cooperador R. H. TEIVE iniciamos, neste fasciculo da *Revista*, uma série de interessantes *Lições de Coisas*. Para a nova secção chamamos mui particularmente a attenção dos srs. professores primários.

As *Lições de Coisas* são traduzidas e especialmente adaptadas dos estudos didácticos do sr. G. Godefroy, professor da Escola Normal Primária do Sena.

Ellas são um método e um exemplo a applicar vantajosamente.

Estabelecimentos officiaes e equiparados—Permuta entre alumnos

Para perfeita execução do art. 15 do Dec. n° 1860, de 6 de dezembro de 1911, o sr dr. secretario da instrucção publica declarou aos directores do Gymnasio Paes de Carvalho e Escola Normal, que a permuta entre os alumnos desses estabelecimentos e dos a elles equiparados deve effectuar-se, quanto ao Gymnasio, mediante requerimento do respectivo director, que deverá conter o exigido no n° 1 do art. 43 do Dec. n° 1664, de 20 de janeiro de 1910; e quanto á Escola Normal, mediante

consulta prévia sobre a existencia da vaga, de fórma que não seja infringido, nas admissões do 1º anno, o disposto no art. 32 do Dec. nº 1207, de 2 de abril de 1903.

A guia de transferencia trará a declaração do nome por extenso do alumno transferido, sua filiação, logar do nascimento e a menção do anno em que se acha matriculado.

As transferencias terão logar somente no periodo que decorre da época da matricula até 30 de junho.

Histórias de uns meninos travessos

E' o titulo modesto de um mimoso livro para crianças, inédito, da lavra do mallogrado escriptor paraense João Marques de Carvalho, fallecido na França. São singelos contos infantis, de suggestiva leitura, e que, uma vez publicados, virão abrilhantar a nossa litteratura escolar, como facilmente se verificará pela narrativa que inserimos neste numero da Revista—O TECTO DA CASA, tirada ao acaso da collecção.

Ao que nos informam, as *Histórias* entrarão brevemente para o prélo.

Revista do Ensino

O nosso redactor-chefe, dr. Fléxa Ribeiro, recebeu o seguinte honroso e significativo officio do secretario de Estado do Amazonas:

Tenho a satisfação de accusar o recebimento do numero 7 dessa importante Revista, um excellente repositório de informações de todo o movimento do ensino mantido pelo Governo desse prospero Estado. Por essa utilissima publicação, vê-se quanto os poderes publicos ahi trabalham pela diffusão do ensino, sobretudo primario. E' uma obra patriotica e porisso um exemplo a seguir-se em outros pontos do nosso Paiz, onde a causa da instrucção tenha sido por ventura descurada.

Agradecendo a remessa alludida, aproveito o ensejo para apresentar-vos meus protestos de estima e deferencia.

Saúdo-vos

Agnello Bittencourt

Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Com uma existencia de mais de 40 annos, e de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais rasoaveis. E' editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

Augusto Ramos Pinheiro

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.

Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.

Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia

Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

Eponina de Oliveira Condurú

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

Ten.^{te} C.^{el} Raymundo Alves da Cunha

Paraenses Ilustres

J. B. de Brito Bastos

Geometria Pratica

Manoel João Alves

Colleção de Traslados

Vilhena Alves—(Fran.^{co} F. de)

Compendio de Analyse Moderna

João Gualberto da Costa

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

Quem uma vez comprar na **Livraria Classica** compra sempre

Rua Conselheiro João Alfredo,—59

Caixa Postal—253

Telegramma—**JOTASANTOS.**

PARÁ—BELÉM

Livraria Moderna

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

Completo sortimento de livros escolares;
litteratura, sciencias, poesias e jurisprudencia

Grande deposito de livros em branco em todos os formatos

A casa que mais sortimento tem em papelaria, artigos para escriptorios
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

Vendas a dinheiro

SABINO SILVA

Rua João Alfredo 86 Pará

Endereço Telegraphico Moderna, Caixa postal 26

Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

Pará-Chic

LIVRARIA

(DE)

M. FREITAS & C.^A

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e
Deposito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO
PARAENSE", Variadissimo sortimento de
livros sobre sciencias, artes, indus-
tria, direito etc, dos mais re-
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para

Bibliographia

Revista da Universidade de Coimbra—

Revista de História

O 1º fascículo da *Revista da Universidade de Coimbra*, que nos chega ás mãos, é um attestado vivo do renascimento que se opera nas letras e sciências de Portugal.

No seu cuidado e prestimoso summário lemos os nomes de d. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Mendes dos Remédios, Julio Henrique, Gonçalves Guimarães e António de Vasconcellos: professores illustres da Universidade, que bastam para afirmar a excellência da publicação.

Da súmmula destacamos com prazer o ensaio do prof. António de Vasconcellos sobre BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS e as *Notas filológicas* do prof. Gonçalves Guimarães, estudos deveras interessantes e de valia.

Da reputada e mui conhecida casa editora—*Livraria Clássica*, de Lisboa, recebemos o 1º número da *Revista de História*, orgam da *Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos*.

E' uma interessante publicação, de feição elegante, attestando assim mais vez a intelligência e o bom gosto do sr. A. M. Teixeira, diligente livreiro português.

Abre o fascículo que nos foi offertado longo estudo do sr. Silva Telles sobre *O primeiro Congresso internacional das raças*.

Segundo lemos, a *Revista de História* é publicação trimensal da *Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos*, e publica:

Artigos de synthese, preferentemente de história e literatura nacional;
Trabalhos completos por fragmentos;
Documentos inéditos;
Noticiário dos factos que, em Portugal e no estrangeiro, mais importem aos estudos históricos e seu ensino;
Registo critico da bibliographia histórica.

A *Revista de História* procura conciliar a funcção de archivo de materiaes com a de synthese, promovendo a divulgação das fontes e a construcção da história. Interessar-se-a tambem pelos problemas theóricos da lógica das sciencias históricas e da methodologia do seu ensino.

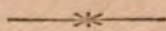
As condições de assignaturas são as seguintes:

Portugal.....	Anno,	1\$200 reis
Colonias portuguezas (com registo).	>	1\$500 >
Brasil (moeda portuguesa).....	>	1\$600 >
União postal.	>	7 francos.

A correspondencia sobre assuntos de redacção deve ser dirigida á secretaria da Sociedade, R. Thomás Ribeiro, 64-3º; e sobre assuntos de administração á Livraria Clássica Editora, Praça dos Restauradores, nº 20—Lisboa.

F. de S.

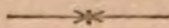
SUMMÁRIO DE 15 DE MAIO DE 1912



Sobre a moral na educação.....	<i>R. Moreira de Sousa</i>
Grammática (NOÇÕES GERAES E DIVISÃO DA MATÉRIA).....	<i>Paulino de Brito</i>
Páginas escolhidas (FILINTO ELYSIO.—APOLOGIA DO ESTUDO).....	<i>F. R.</i>
Questões de grammática e philologia:—	
NE SUTOR SUPRA GREPIDAM.....	<i>Candido de Figueiredo</i>
CONTESTAÇÃO DE ALGUNS SUPPOSTOS QUINAUS GRAMMATICAES DO SR. THEODORO RODRIGUES	<i>Maria—Thereza</i>
A missão do professor (O AMOR Á PROFISSÃO.—Á ALMA DA CRIANÇA.—Á ESTHÉTICA NO ENSINO.— Á CULTURA INTELLECTUAL DO PROFESSORADO).....	<i>Teodoro Rodrigues</i>
Os passarinhos (POESIA).....	<i>Affonso Lopes Vieira</i>
A Partida.....	<i>Coelho Netto</i>
Palavras sobre o ensino primário.....	<i>Fléxa Ribeiro</i>
A penna e o canhão (PARA A CARTEIRA DE UM PEQUENO ESTUDANTE).....	<i>Teodoro Rodrigues</i>
A vida das abelhas (NO LIMAR DA COLMEIA).....	<i>S. de Padilha</i>
Jornal dum naturalista (VIAGEM DE AGASSIZ AO PARÁ—1865).....	<i>Daniel Glauro</i>
Notícias litterárias (COELHO NETTO E OS SEUS LIVROS DIDÁCTICOS).....	<i>F. R.</i>
Curiosidades scientificas (O DILÚVIO—SURGIMENTO DE UMA ILHA).....	<i>Octávio Graça</i>
Regulamento dos Congressos de Instrucção primária e secundaria—Theses.	
A vida escolar no Estado (ESTABELECIMENTOS PUBLICOS).....	<i>F. de S.</i>
Pelo magisterio (DECRETOS, PORTARIAS, VARIAS).....	<i>J. F.</i>
Notas e noticias.....	<i>N.</i>

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.
Toda a correspondencia que se lhe destine deve ser endereçada á CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

SUMMÁRIO de 15 de Abril de 1912



Hygiene escolar (A CULTURA INTELLECTUAL E O EXERCICIO PHYSICO.—«SURMENAGE» ESCOLAR.—O TRABALHO DO CÉREBRO NOS EXERCICIOS DIFFICIS; O AUTOMATISMO NOS EXERCICIOS FACIS).....	<i>Acyliño de Leão.</i>
A arte de ler (TRAD.).....	<i>Emilio Faguet.</i>
Páginas escolhidas (D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.—MEMORIAL A EL-REI D. JOÃO IV).....	<i>F. R.</i>
Historia da terra (OITAVA, NONA E DÉCIMA ÉPOCAS).....	<i>S. de Padilha.</i>
Livros escolares (UMA GRAMMÁTICA ADOPTADA.—PROCESSOS DE ANÁLISE).....	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
Curiosidades scientificas (A VIDA NO FUNDO DOS MARES).....	<i>Octávio Graça.</i>
A Raposa e o Lobo (SÉCULO XVII).....	<i>D. Francisco Manuel de Mello.</i>
Terra encantada (SENSAÇÕES DE PISA, FLORENÇA E SIENA.—DE JUSTINO DE MONTALVÃO, ED. GARNIER.—RIO).....	<i>F. R.</i>
Questões de Grammática e philologia (REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE SYNTÁCTICA.—PROPOSIÇÕES COMPOSTAS POR COORDENAÇÃO E POR SUBORDINAÇÃO).....	<i>M.—Th.</i>
A instrucção Pública nos Estados (NOTAS SOBRE O ENSINO DO ESTADO DO PARANÁ.—COMMUNICAÇÃO FEITA AO CONGRESSO DE GEOGRAPHIA DE CURITYBA).....	<i>João Lourenço Rodrigues.</i>
Notícias litterárias (ALMÁCHIO DINIZ).....	<i>S. S.</i>
Pelo magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VARIAS).....	<i>J. F.</i>
Notas e noticias.....	<i>N.</i>
A vida escolar no Estado.....	<i>F. de S.</i>
Legislação do ensino.....	
Legislação do Ensino.....	